

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO  
E SAÚDE PÚBLICA

# Revista do Ensino

## Summario

### REDACÇÃO

*Primeiro Congresso Brasileiro de Ensino Regional*

### COLLABORAÇÃO

OSCAR ARTHUR GUIMARÃES —  
*Notas Semanaes*

LEO SÍLDA S. MONTANDON —  
*O Methodo Global no ensino da Lettura*

LUCIO JOSÉ DOS SANTOS —  
*Behaviorismo e Gestallismo*

MÁRIO CUNHA — *Os jornaes escolares em Minas Geraes*

NAIR STARLING — *Estudo em torno das emoções*

MARIA SUZEL DE PADUA —  
*Projecto*

DURVAL PINHO E L. L. —  
*Hymno ao Brasil*

ABEL FAGUNDES — *Importancia da fome*

ROSA BRUNO — *Methodologia da Escripta e Orthographia*

### TRADUÇÕES

M. CHEVAIS — *A proposito de peças de música classica*

### TRANSCRIPÇÕES

HUMBERTO BRUNO — *Em prol da educação rural*

### NOTICIARIO

*Protecção interamericana á propriedade intellectual*

## ADVOCACIA - PROCURATORIOS

O Escriptorio do **Dr. Nelson de Moura** aceita quaesquer serviços perante as repartições estaduais e federaes. Remette, com antecipação, mediante combinação previa, os vencimentos de seus constituintes.

Extracção de titulos. Licenças. Aposentadorias. Férias especiaes. Recebimento de vencimentos, gratificações e diarias. Registro de diplomas. Inscrições e empréstimos na Previdência dos Servidores do Estado, etc.

**Trabalho rapido. — Exactidão de contas  
HONORARIOS MODICOS**

**Avenida Affonso Penna n. 539 - 1.<sup>o</sup>  
BELLO HORIZONTE**

## ADVOCACIA E PROCURATORIOS

**Dr. Antonio Jorge de Faria  
Orlando Thomaz Garcia  
Joaquim Henriques Cardoso**

Executam com presteza e pontualidade quaesquer serviços perante as repartições publicas. Remettem antecipadamente os vencimentos de seus constituintes, de accordo com as normas estabelecidas pelo escriptorio.

Extracção de titulos. Remoções. Licenças. Aposentadorias. Férias especiaes. Recebimento de vencimentos, juros de apolices, gratificações, diarias, additionaes, etc. Matricula nos Estabelecimentos de Ensino da Capital. Material escolar. Inscrições e empréstimos na Previdência dos Servidores do Estado

**Informações gratuitas — Exactidão de contas  
— HONORARIOS MODICOS —**

Rua S. Paulo, 387 - Sala, 107 - Caixa Postal, 260 - Phone, 3106

**BELLO HORIZONTE**

# REVISTA DO ENSINO

Da Secretaria da Educação e Saude Publica

## 1.<sup>o</sup> Congresso B. de E. Regional

Patrocinado pelo Ministerio da Educação e Saude Publica e por iniciativa da "Sociedade dos Amigos de Alberto Torres" realizou-se na Capital da Bahia na 2.<sup>a</sup> quinzena de novembro p. passado, o Primeiro Congresso Brasileiro de Ensino Regional.

A "Revista do Professor" — victoriosa publicação litero-pedagogica de S. Paulo, a que Sud Mennucci vem imprimindo uma orientação intelligente e brilhante, — dedica a sua edição correspondente a janeiro deste anno ao Primeiro C. B. de Ensino Regional, com farta documentação do que se realizou naquella reunião, o que põe em relevo a grande significação de civismo que é a acção do professor brasileiro em prol dos nossos ideaes de brasilidade.

Da "Revista do Professor" transcrevemos o trabalho que se segue, apresentado pela professora paulista d. Noemia Saraiva Mattos Cruz, trabalho que é um documento valioso, não só como expoente dos altos meritos profissionais daquella educadora, mas tambem de como se vae praticando, nas boas escolas brasileiras, a educação através das actividades da creança.



**Relatorio dos alumnos do 3.º anno do grupo escolar  
do Butantan**

"Em outubro de 1933, no Grupo Escolar de Butantan, a nossa professora Noemia Saraiva de Mattos Cruz, creou o Club Agricola Escolar.

Em novembro, do mesmo anno, no dia 19, ficou fundado oficialmente o nosso Club.

A professora d. Noemia escolheu, propositadamente, essa data para a fundação do Club.

Sendo esse dia dedicado à Bandeira Brasileira, a fundação de um Club Agricola, nos disse ella, nessa occasião, seria um meio patriótico de homenagearmos honrosamente a nossa bandeira.

E todas as vezes que nos lembrassemos da nossa bandeira haviamos de nos lembrar tambem do nosso Club Agricola.

E todas as vezes que nos lembrassemos de nosso Club haviamos de nos lembrar da gloriosa Bandeira Brasileira.

"Sempre que se funda um club agricola — nos falou d. Noemia — colloca-se uma pedrinha na grande obra de engrandecimento da Patria".

Como faltassem só dois mezes para as ferias, apenas foi possivel fazer uma pequena criação de bichos de seda.

Com muita difficuldade, pois não havia amoreiras na escola, e não havia tambem um local apropriado, creou-se somente um kilo de casulos.

As folhas de amoreiras eram trazidas das casas dos alumnos.

Cada dia um dos meninos tinha que arranjar folhas de amoreiras.

Os galhos que sobravam eram cortados em pedacos e plantados.

Temos, dessa plantação, 35 mudas de amoreiras, bem viçosas.

Foi feita tambem, nesse anno, uma pequena plantação de hervas medicinaes caseiras, no quintal da escola.

Como d. Noemia nos aconselhou, quizemos todos ter, em nossas casas, pequenas pharmacias, nos quintaes.

Ficou resolvido então fazermos um *canteiro geral*, na escola, com todas as hervas possiveis, para depois serem distribuidas mudas a todos.

E cada menino trouxe de casa a planta que tinha.

Tudo reunido ficou uma esplendida pharmacia, na escola.

Temos hoje: Hortelã, poejo, herva cidreira, capim santo, macellinha, herva-doce, herva de Santa Maria, balsamo, sabugueiro, arruda, carqueja, urucum, carobinha, herva-cidreira de arvore, agrião, losna, herva terrestre, herva tostão, mastruço, inhame, guaco, quebra-pedra, pariparoba, etc.

Ao mesmo tempo trocavamos, uns com os outros, as mudas que tinhamos.

E assim conseguimos, em cada casa, uma pharmacia-zinha barata e facil.

De cada planta d. Noemia nos dava explicações de sua utilidade na medicina, modo de plantar, etc.

Foram distribuidos tambem, em outubro e novembro desse anno, sementes de: — feijão chumbinho, de Goyaz, milho catete seleccionado na secção agricola do Instituto Butantan, sementes de milho de pipoca, sementes de soja amarella, seleccionada tambem no Instituto, sementes de melão mexicano, sementes de abobora, de pepino, de melancia, de girasol gigante e mudas de alface e couve, a todos os meninos que quizessem plantar.

Muitos meninos aceitaram e fizeram a sua roça em casa.

Anno de 1934.

Entre fevereiro e março fizemos uma pequena criação de bichos de seda. Como não havia um logar vazio na escola, resolvemos criar as lagartas na propria sala de aula.

Num canto fizemos um tabique com armarios e improvisamos uma sirgaria, com bambu's trançados.

Foi tudo feito com muita difficuldade e mesmo contra as regras da sericicultura.

Mas nós queríamos muito começar, e d. Noemia nos satisfez, contente por perceber nossa vontade. As folhas nós trazíamos, cada dia, de casa e conseguimos criar, assim, mais de um kilo de casulos.

Muitas pessoas de fóra chegaram a se interessar bastante pela criação dos bichos de seda.

Procuravam a nossa professora, pedindo explicações e ovos para a criação.

Alguns meninos levaram para casa lagartinhas, para criarem particularmente.

Em principio de março demos começo á nossa granja collectiva.

Conseguimos uma faixa de terra cultivavel, no proprio quintal do Grupo Escolar, ao lado das plantas medicinaes.

Começamos então a trabalhar com coragem.

Era um velho capinzal de capim "Ki-Kuío". Aos poucos fomos limpando o terreno.

Para não prejudicar nossos estudos, iamso bem cedo, antes das aulas, nas horas de recreio, e depois das aulas.

Como não tínhamos dinheiro para comprar materias, pedimos emprestado — varias enxadas, um regador, e começamos a nossa horta.

D. Noemia nos deu as mudas e as sementes, e uma duzia de ovos de gallinha de raça.

Pedimos emprestada uma gallinha chocha e deitamos os ovos para chocar.

Dessa incubação só tivemos dois pintainhos, que são da raça minorca-preta.

Quatro ovos estavam claros, dois estavam mortos e, quatro nossa professora foi quebrando — um de cada cinco em cinco dias para nós vermos como cresciam os pintainhos.

Ficamos sabendo bem como se desenvolve o pintainho dentro do ovo, apesar de termos muita pena de quebrar os ovos.

Tambem não era tempo de se criar aves, porque ainda estavam no tempo das chuvas — e fazia calor.

Vamos tambem expor este anno, na Exposição de Animaes, para ganharmos premios.

Agora, com o tempo do frio, estamos creando em nossas casas muitas aves para a festa da Feira do Club que vae haver em setembro, aqui no Butantan.

Estamos tambem creando, na escola, uma ninhada de coelinhos brancos, presente tambem de nossa professora. Estão lindos, já desmamaram e comem de tudo.

São tambem para a feira do Club.

Em abril fizemos a festa das arvores.

D. Noemia acha que deve ser a festa das plantas, ou do reino vegetal.

Para preparar, para essa festa, fizemos a "semana do insecto nocivo". Foi uma boa semana.

Colhemos muitos insectos nocivos, suas lagartas, casulos e nimphas.

Pesavam mais de um kilo, os insectos que destruimos.

Cada menino devia colher o maior numero de insectos que pudesse.

Nesse concurso ganhou o premio o Amadeu Caruso, que colheu 296 insectos.

No dia da festa, 28 de abril, plantámos, em homenagem ao nome de nossa Patria, duas mudas de páo Brasil, no Horto do Instituto Butantan.

Cantamos hymnos, brincamos, recitamos e ganhámos ovos recheiados de balas, pintados por fóra, pela d. Noemia, com caretas engraçadas.

As mudas do páo Brasil, foram arranjadas por d. Noemia, que nos deu tambem muitas mudas de arvores de madeira de lei e de ornamento, para nossos terenos. Ella conseguiu essas mudas do Horto Florestal, dadas pelo dr. J. Cabral, que é director.

Dessas plantas 115 foram entregues, a pedido, ao dr. Waldemar Peckolt, botanico do Instituto Butantan, para serem plantadas no Horto de Plantas Medicinaes do referido Instituto.

Essas mudas, segundo a carta de agradecimento desse

cientista á nossa directora d. Noémia Saraiva, servirão para estudos das plantas medicinaes brasileiras.

As outras mudas foram distribuidas aos meninos e já estão todas plantadas nos terrenos delles.

Fizemos tambem um viveiro de sementes enviadas do Jardim Botânico, do Rio, pelo sr. Rafael Xavier.

Temos uma colmeia que nos offereceu d. Noémia, povoada por abelhas italianas. Ainda não fizemos colheita de mel, por ser inverno.

Nós fizemos o banco para pôr a colmeia.

Quanto á horta, já temos colhido: Alface e rabanetes (2 colheitas) que comemos com pão no recreio, almeirão, nabos, couves e chicoreas.

Plantados, temos inumeros canteiros de flores da estação.

De todas essas actividades rurais, quer sejam criação, quer seja de plantação, d. Noémia nos dá sempre muitas explicações:

Sobre a época do plantio, como fazer a sementeira, o preparo da terra, sobre a adubação e a irrigação, os cuidados com as plantinhas novas, a época da colheita, o tempo melhor para a criação de aves, coelhos, abelhas, etc.

Tudo ella nos explica bem, e nós comprehendemos e fazemos certinho.

Temos um velho tanque, que vamos reformar, para crearmos algumas carpas.

#### *Passeio.*

No mez de maio fizemos uma visita ao Parque da Industria Animal, na Agua Branca. Gostámos bastante. Muitos de nossos collegas não conheciam aquelle lindo parque, e alguns nunca tinham andado de auto-omnibus!

A nossa professora alugou um omnibus verde, que nos levou lá ás 8 horas da manhã, e nos trouxe ao meio dia!

Como nós gostamos desse passeio! Não queríamos mais sahir de lá. Nunca vimos animaes tão bonitos. E alguns

até nem conhecíamos. E tudo bem arranjado e bem tratado. Uma granja assim vale a pena! Ha allí de tudo que nós gostamos.

Visitámos, primeiro, a secção de lacticinios, e vimos como são as machinas de fabricar queijo e manteiga.

Depois visitamos a secção de avicultura, onde vimos gallinhas de varias raças.

Gostamos muito de umas, chamadas barbudas brasileiras.

Vimos como se faz a mistura dos alimentos para as gallinhas.

Tambem vimos coelhos de varios tamanhos e de varias cores.

Na secção de gado vimos um bello touro que pesava uma tonelada.

Era de raça hollandeza e tinha ganho um premio no anno passado, na Exposição.

Vimos cavallos, cabras e carneiros de raça, muito bonitos.

Depois de um bom lanche, que d. Noémia nos deu, continuamos o passeio. Visitámos um apiario modelo, mas não chegamos muito perto, com medo das ferroadas das abelhas. Visitámos tambem o aquario. Esse foi o lugar de que mais gostámos. Vimos peixes bonitos e outros, exquisitos e de cores e, um, electrico!

E como é lindo o fundo da agua, com aquellas plantas mergulhadas!

Do que mais gostámos desta secção foi da chocadeira de ovos de peixes.

O guarda de lá nos mostrou bem como ella era, e a fez funcionar.

Que admiração!

Não quizemos, no principio, acreditar que chocava mesmo. Mas depois vimos os alevinos que nasceram naquella chocadeira.

Não queríamos mais sair dallí. E queríamos trazer uns peixinhos para criar, mas d. Noémia disse que depois

ella ia arranjar um tanque para o club criar peixes, e que nós esperassemos.

E fomos ver a sala do mel.

Infelizmente não havia mel nenhum para ganharmos; mas vimos a machina de tirar o mel dos favos e vimos como é feita a cêra, para pôr nos quadros.

Todos nós gostámos de mel. Vamos ter muitas colmeias .

Chegando o meio dia, tivemos de voltar; mas ficamos com pena de deixar um parque tão bonito.

Apprendemos muitas cousas e vamos applicar no club.

Se a gente fizesse sempre estes passeios aprenderia muitas cousas, só de ver.

A nossa horta, já está dando lucro mas o nosso collega, encarregado de venda, é careiro e não vende fiado.

Temos já feito algum negocio com os productos da nossa horta. Vendemos couves, alfaces, ervilhas, almeirão, nabos, nabiças, rabanetes, condimentos, etc.

O dinheiro que apuramos servirá para pagar algumas dividas que o Club tem e comprar o que precisar que são ferramentas, sementes, madeiras, etc.

E depois, o que sobrar nós guardaremos para nossos passeios e excursões.

Todo o mundo fica admirado com o viço da nossa horta.

Ella está muito bem tratada e não esquecemos de a regar. Tambem d. Noemia nos arranjou sementes boas e mudas escolhidas, para começar.

Quanto ás hortas particulares dos socios em casa, algumas vão muito bem.

O secretario Paulo Carrilho Soares vendeu num dia destes 15 pés de alface, de uma vez só. Esta venda rendeu 1\$500 rs. que vão servir para comprar sementes.

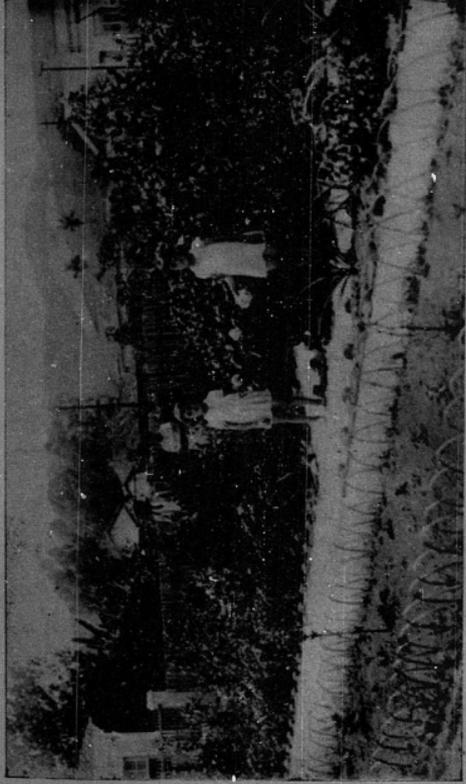
O Presidente, José Fernandes, fez uma grande roça de milho, e plantação de aboboras e morangos. Tem para colher 25 aboboras.

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Escola Normal "S. Domingos", de Poços de Caldas — Laboratório

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Grupo escolar de S. Pedro do Pequiry — Jardim

D. Noémia manda os zeladores visitar as hortas particulares e elles trazem noticias de todas.

Ella, nestas ferias, diz que vae pessoalmente visitar todas as hortas e criações.

Nessa occasião ella entregará a carteira de socio a quem tiver sua criação e sua horta em bom estado.

Em todas as reuniões do Club, d. Noémia distribue mudas e sementes a todos os socios; portanto todos devem ter a sua horta bem sortida.

No ultimo dia de aula ella fez uma grande distribuição de pacotinhos de sementes de alface e rabanetes, assim como mudinhas de agrião de terra secca, alface repolhuda, e cachos de urucum, aos socios presentes á reunião.

#### *Uniforme*

Na ultima reunião deste semestre, realizada no dia 9, d. Noémia disse que desejava que todos os socios do Club fizessem um uniforme simples, mas bonito, para as reuniões, festas, feiras e passeios dos socios do Club.

Achamos boa a idéa e vamos cuidar já disso.

O uniforme será assim:

Calça (ou saia para meninas) de brim kaki e com suspensorios da mesma fazenda.

Blusa branca com mangas curtas. Do lado esquerdo da blusa um decimetro quadrado de panno com as letras CA, bordadas de verde.

Vae ficar um club em ordem. Nós queremos que elle saja um dos melhores da nossa terra.

D. Noémia deseja muito que seja transformado em uma verdadeira escola agricola primaria.

Nós gostamos muito das coisas que ella nos ensina e temos vontade de ficar bem instruidos em Agricultura e criação.

E os socios do club pensam como diz a nossa carteira de socio:

"Na terra está toda a riqueza dos homens e das nações".

"A terra retribue, na proporção de 100 por 1, a dedicação que lhe dispensamos".

"Cultivando a terra trabalhamos pela grandeza do Brasil e pelo bem do povo brasileiro".

"A Agricultura é uma profissão que ennobrece os homens".

D. Noemia sempre nos diz que nós é que vamos fazer do Brasil uma grande patria. Ella nos aconselha, todo o dia, a sermos esforçados, estudiosos e honestos, para podermos construir uma patria que seja a melhor do mundo.

(aa.) Presidente — *João Fernandes Filho*. — Secretario — *Paulo Carrilho Soares*. — Thesoureiro — *Waldemar Maifrino*.

### AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES

Afim de evitar interrupção na remessa da "Revista do Ensino", devem os srs. assignantes reformar a tempo as suas assignaturas.

## Notas semanaes

Oscar Arthur GUMARÃES

### ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES

Encerradas as matriculas nas escolas cuidam os directores e professores da organização das turmas de alumnos, classificando-os e distribuindo-os em grupos.

Escolas ha, onde se adoptou o criterio da distribuição dos alumnos em grupos mais ou menos homogneos, segundo os niveis de intelligencia ou de instrucção apurados mediante a applicação de tests. As turmas assim organizadas offerecem possibilidades de homogeneização bastante approximadas da verdade.

Esse seria o regime ideal a seguir, no trabalho de organização das classes.

As escolas, porém, que adoptaram e puzeram em pratica um tal regime, são ainda, ao que parece, muito poucas. As outras, a maioria, vão organizando as suas classes, e dividindo os seus alumnos em turmas, *grosso modo*, seguindo a praxe antiga e adoptando criterios variados, quasi sempre destituídos de qualquer base, não offerecendo condição de segurança.

As turmas ou as classes que nessas escolas se organizam, recolhem, no mesmo grupo, alumnos os mais differenciados em niveis de intelligencia e de instrucção.

Não é difficil prejudgar a vantagem e a desvantagem que apresentam, em relação ao trabalho de ensino as turmas onde os alumnos se nivelam ou se approximam em intelligencia e instrucção e as em que os alumnos se distanciam nessas mesmas capacidades, em alto grau. Emquanto

para as primeiras, todas as supposições indicam probabilidades de um maximo de resultados com um minimo de es. forcos para as segundas as probabilidades são pelo aspecto inverso.

Reconhecidas as vantagens que advêm e podem e devem advir da formação de classes homogêneas ou homogeneizadas urge que as escolas se esforcem e se empenhem por adoptar e seguir o criterio que faculta taes vantagens e beneficios.

Confessemos que não estamos ainda aparelhados para generalizar em nossas escolas a pratica dos tests, que permite a classificação dos alumnos em turmas homogêneas, sob aspecto scientifico.

Tal confissão, porém, não sirva de pretexto para que se cruzem os braços á espera de que nos venha do céu o remedio de que careçemos.

Com boa vontade e empenho, com esforço redobrado, havemos de vencer os tropeços e embaraços que se oppõem á maior amplitude dos beneficios e vantagens que desejamos para as nossas classes, melhorando-lhes o nível de formação, e, em consequencia, as possibilidades de trabalho mais fecundo e proveitoso.

Dissemos já que aos professores curape supprir as deficiencias da organização escolar, que não permittiram fosse ainda estendida á totalidade das escolas o beneficio da homogeneização das classes pelo criterio dos tests.

Certo, não queremos dizer com isso que o professor vá por si mesmo crear e imaginar os tests de classificação e applical-os em sua classe ou em sua escola.

Desejamos que o professor tome consciencia do que seja a medida de classificação, como se opera com essa medida, o que se mede, o que se avalia, e como se separam os alumnos em virtude das medidas operadas.

Sabemos que os criterios adoptados para a classifi-

cação consideram e têm em vista o nível de intelligencia, o nível de idade e o nível de instrucção.

Avisado disso já o professor poderá promover em sua escola, mesmo desprovido dos instrumentos e do material necessarios para operar as medidas scientificas que se aconselham, realizar trabalho util e proveitoso em favor da distribuição racional dos alumnos em classes ou em grupos. Tomará por exemplo o nível de idade como ponto inicial da classificação.

Dentro dos grupos de idade, facéis de separar passará a considerar, para uma nova divisão em sub-grupos, o nível de instrucção dos alumnos. Feito o que se seguirá, dentro dos grupos já formados, uma terceira sub-divisão, em consideração ao grau de intelligencia dos alumnos.

Concordamos em que a divisão pelos graus de instrucção e de intelligencia não se faz com facilidade e nem ficará satisfactoriamente feita sem os recursos da medida objectiva, que sómente os tests podem fornecer. O professor intelligente e cuidadoso pôde, no entretanto, realizar trabalho bastante aprecivel nesse sentido.

Como quer que seja, por mais falho e imperfeito que resulte o trabalho assim realizado, a simples preocupação com os factores que determinam a differenciação de níveis entre os escolares já evitará, pelo menos, as differenciações em alto grau dentro da mesma classe. E desde que esteja assim preocupado, estará o professor dia a dia procurando melhorar a sua cultura profissional, desenvolvendo a sua capacidade de observação, esforçando-se por verificar e apurar os seus erros e os seus acertos, trazendo, portanto, sob controle, todos os aspectos e todas as phases de seu trabalho. Estará, desse modo, o professor, trabalhando e agindo, senão sob criterio scientifico, e valendo-se dos recursos da sciencia, pelo menos, na base da orientação scientifica é com a consciencia e a noção da existencia desses criterios e recursos que se destinam a substituir, com vantagem, a velha praxe e o velho habito da distribuição dos alumnos pelas classes em razão apenas do factor quantitativo.

## JORNAES ESCOLARES

A segunda exposição de imprensa escolar do Brasil, que se realizou nesta Capital, no mez passado, foi um acontecimento digno de nota e constituiu uma afirmação eloquente e auspiciosa das nossas possibilidades, das nossas forças vivas actuaes.

De facto, a presença de cerca de mil jornaes a esse certamen, provindos de varios Estados, apresentando formas e caracteristicos interessantes e originaes, constitue prova eloquente de que a idéa da instituição dos jornaes nas escolas brasileiras é idéa victoriosa e vencedora. Vingou e vae vencendo com esse formidavel impulso de expansão que os dados estatísticos nos revelam. Vingou e vae vencendo, mais ainda, graças a outros factores que a estatística não registra, e que os numeros não traduzem, mas a consciencia de educadores alcança e avalia e sabe apreciar. O esforço, a dedicação, o devotamento, o patriotismo do professorado, empenhado nessa grande obra, taes são os factores incommensuraveis do exito e da victoria que se registram.

\*

O jornal escolar tem um papel destacado na escola moderna. Destina-se, em primeiro logar, a incentivar o estudo das materias de ensino, principalmente o da lingua patria. Ao mesmo tempo que motiva o estudo e a busca de informações sobre um determinado assumpto, motivo do artigo ou da noticia, traz implicito o sentimento da responsabilidade, da exactidão nos conceitos a emitir, da correccção na forma de expressar os conceitos e as opiniões. Da maior actividade á vida escolar, despertando e favorecendo o espirito de cooperação, o julgamento, o raciocínio, e vae lançando as primeiras bases para a formação do espirito publico nos alumnos. Mantém o necessario intercambio entre a escola e a vida social proxima e remota, formando entre os alumnos, bons habitos de vida social e despertando nelles o interesse pelo bem publico e pela vida collectiva.

Uma instituição dessa natureza, e que traz em si caracteristicos tão accentuados de educação activa, bem merece os cuidados que lhe está dispensando o professorado, empenhado nesta hora em dar cunhos de renovação e de maior eficiencia á escola brasileira.

A Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, sob cujos auspicios e com o concurso do Ministerio da Agricultura e da Secretaria da Educação, se realizou a segunda exposição de imprensa escolar do Brasil, presta, desse modo, uma justa e merecida homenagem ao professorado brasileiro, valorizando obra e esforço tão meritorios, presta inolvidavel serviço á escola brasileira, prestigiando, amparando, impulsivando instituição de tão alta relevancia.

## PROGRAMMAS E HORARIOS

Desde que se votou a ultima reforma do ensino, os programmas e horarios, que a administração do ensino fixava, deixaram de constituir um quadro rigido a seguir, para apresentar uma orientação a adoptar. Aos professores ficava a liberdade de moldar e ajustar, a seu modo, os programmas e horarios officiaes, desde que attendessem a uns tantos principios basicos, que visavam garantir o systema escolar vigente.

Essa disposição regulamentar teve em vista attender ao principio de que ao professor e não a outrem, incumbe traçar e fixar o plano de trabalho, que melhor convenha á sua classe, num dado momento, ou num certo periodo de tempo.

De facto, o professor, e só elle, conhecendo os seus alumnos e reconhecendo as suas necessidades, pôde determinar o que mais convém fazer, no sentido de promover o seu desenvolvimento.

Um programma de trabalho escolar traça uma direcção e normas de conducta para o professor; determina actividades e maneiras de agir para os alumnos.

Admittindo-se que professores e alumnos tenham personalidades; admittindo-se que as classes escolares se dif-

ferenciam enormemente em razão do aspecto psychologico que possam offerecer, do espaço e do tempo onde se localizem, em razão das necessidades dos alumnos e das possibilidades do meio, não se poderia acceitar que um padrão rígido e uniforme pelo qual se pautassem programmas e horarios, fosse offerecido a todas as escolas e a todos os professores.

Convinha, por outro lado, que os programmas e horarios evoluíssem acompanhando a marcha e o progresso da sciencia, as necessidades e as finalidades da escola.

Não sabemos si os professores têm se aproveitado da faculdade que lhes foi dada de organizarem, a seu modo e a seu feitio e na medida das necessidades de sua classe, os programmas e horarios de trabalho.

Sabemos que, procurando attender ás necessidades de evolução dos programmas e horarios, estão empenhados em reajustar os ás exigencias do momento, professores e technicos do ensino, que os estudam, num esforço conjugado de vontades, num legitimo anseio de progresso e de renovação.

ARTHUR OSCAR GUIMARÃES

PEDIMOS PERMUTA ÀS PUBLICAÇÕES CONGENERES DOS ESTADOS  
E DO ESTRANGEIRO

## O methodo global no ensino da Leitura

Leonilda S. MONTANDON

Depois da clara e intelligente exposição de Filocelina Mattos de Almeida, sobre o ensino da leitura pelo methodo global, publicada em 1931, na "Revista do Ensino", era de se esperar que a difficil tarefa de *ensinar a ler*, se tornasse suave, interessante e rapida, tanto para os alumnos como para os mestres. Tal, porém, não se deu.

O novo methodo, que poderíamos chamar de *velho*, pois, os primeiros ensaios realizados pelo abbade Redonvillers datam do seculo XVIII, não deu os resultados esperados.

O fracasso das primeiras experiencias, deu origem a um pessimismo e desconfiança exaggerados, que muito têm concorrido para difficultar a expansão do methodo e impedir a sua applicação efficiente.

Não é meu intuito, fazer aqui a defesa do methodo nem analysar-lhe os principios e valores, pois muito se tem dito a respeito.

A experiencia que tenho do methodo, através das observações que pude fazer em diversas classes, deixou-me encantada!

E maravilhado ficará, por certo, todo professor que o comprehender e applicar com intelligencia.

As criticas sobre o *novo systema de ensinar a ler* são constantes, quer por parte dos paes como tambem de muitos professores.

Ninguém, entretanto, se preocupa em buscar as causas do fracasso.

Tenham ellas sua origem na inhabilidade do mestre, na incapacidade physica ou mental do alumno, o *methodo* e a *Escola Activa* serão os causadores do insuccesso.

Ha de facto, na reforma que intentamos, innumeradas falhas e nem poderia deixar de haver-las, numa empreitada que requer de seus obreiros, não sómente dedicação e esforço, mas uma vasta cultura.

Acompanhando, durante 4 annos, a applicação do *methodo* global, pude observar alguns inconvenientes que retardam a aprendizagem da leitura, conduzindo-a muitas vezes ao fracasso.

Entre outros, posso citar:

- 1) Falta de habilidade na apresentação das lições, a qual deve ser variada e interessante.
  - 2) A pressa em passar de uma lição a outra, sem que a anterior esteja bem apprendida.
  - 3) Falta de ligação entre a leitura e a escripta.
  - 4) Má organização dos exercicios de fixação que devem ser seriados e constantes.
  - 5) Falta de verificação por meio de exercicios, tests ou provas, do desenvolvimento da classe.
  - 6) Demora em entrar no periodo de decomposição, trazendo como consequencias:
    - a) difficuldade na aprendizagem escripta das palavras, dahi o dizerem que pelo *methodo* global a creança não aprende a escrever;
    - b) consideravel esforço da memoria para estudar e conservar numerosas palavras antes de chegar á analyse e á generalização;
    - c) habito de adivinhar as palavras, originando frequentes confusões;
    - d) beneficiar sómente ás creanças de typo visual, ficando as de typo sensorial prejudicadas.
- O trabalho de decomposição deve ser iniciado logo

que a creança entrar expontaneamente nessa etapa, cujo primeiro passo é o reconhecimento das sentenças.

Varios exercicios e jogos serão feitos enquanto se procede á leitura global da segunda lição, que deve conter as palavras da primeira, em novas sentenças, augmentada, porém, de alguns vocabulos mais.

A decomposição em palavras, virá logo que as primeiras sentenças estejam bem conhecidas.

Nessa etapa a copia é um poderoso meio de fixação e o dictado pôde ser iniciado como meio de verificação.

O trabalho com as *syllabas* poderá vir logo que as creanças estiverem reconhecendo as palavras das 4 ou 5 primeiras lições. (Segundo Decroly, antes de chegar á decomposição em *syllabas*, o numero de palavras deve se elevar a 400, mais ou menos).

Alguns professores belgas e francezes, entre os quaes Melle. Hamaide, Melle. Descoeudres e Melle. Seur de Namur, são de opinião que é sobrecarregar demais a memoria da creança, difficultando a fixação e retardando a aprendizagem).

O extremismo e rigidez com que muitos professores observam as etapas a seguir na applicação do *methodo* global, sem levar em conta innumerados factores que obrigam a constantes modificações de processos, têm concorrido tambem para o seu apparente fracasso.

O *methodo* é global, mas com isso não se quer dizer que se separe a *synthese* da *analyse*.

O caminho a seguir deve ser sempre do todo para as partes e das partes para o todo.

Emquanto a leitura vae se fazendo globalmente através das lições seguintes, as anteriores soffrem um *methodo* e intelligente trabalho de decomposição e reconstrução.

Deve-se observar muita ordem nesses exercicios, para não se dar origem á confusão e perda de tempo. Semanalmente deve a professora verificar si as lições dadas estão bem fixadas pela classe. O seu caderno de planos deve tra-

zer o registro fiel dos exercicios dados e resultados obtidos, o que lhe permitirá organizar novas lições.

Ler, significa interpretar uma idéa expressa em linguagem graphica, o que só se consegue, de modo perfeito, pelo methodo global, que desde o principio põe a creança em contacto com a unidade completa do pensamento.

Traduzir em sons, as palavras escriptas, sem lhes associar nenhuma idéa, é conhecer o mecanismo da leitura, mas não é saber ler.

Não condemnemos, portanto, o methodo, pelos poucos resultados que obtivermos nas primeiras experiencias.

Ponhamos de parte esse pessimismo, ou, talvez, pior que isso, esse espirito derrotista que surge em todos nós, quando a vaidade nos cega e nos torna surdos.

Reconhecer o valor de uma idéa que nos parece boa, venha de onde vier, experimentando-a com interesse, é proprio dos espiritos superiores.

Empreguemos toda a nossa boa vontade e intelligencia na applicação dos processos de ensino, que mestres mais experimentados nos apontam. Si, apesar de todos os nossos esforços, habilidade e aptidão, fracassarem os processos aconselhados, será sempre tempo para tomarmos novos rumos que nos conduzam mais rapida e seguramente ao triumpho.

LEONILDA S. MONTANDON

## CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

### NOÇÃO UTIL

*Ha um velho preconceito de fazer augmentar as proteínas na ração alimentar dos trabalhadores intellectuaes. Isso é inteiramente desnecessario, bastando seja mantida a quota de proteínas da ração de sustento (40 grammas, em média, por dia). — IPES.*

# Behaviorismo e Gestaltismo (\*)

Luís José dos SANTOS

Desde algum tempo se vem notando, no campo da Psychologia, uma reacção salutar contra os exaggeros das analyses, contra as theorias atomistas, mecanistas e associacionistas da alma, que pretendiam explicar toda a vida psychica pelos seus elementos mais simples. Essas theorias esmiuçavam tudo, só não tinham olhos para a unidade da natureza humana; viam tudo, menos a alma. Começou-se a comprehender que o processo dominante, da analyse e explicação naturalista, destroe precisamente aquillo que tem a preeminencia e que jámais pode proceder de uma Química mental, nem da composição hypothetica, como resultante de elementos e funcções parciais, isto é, o conjuncto expressivo da vida psychica.

Vamos estudar as duas orientações, que caracterizam sob os nomes de *Behaviorismo* e *Gestaltismo*.

Para explicar a vida sensitivo-motora dos animaes, o biologo Loeb distinguiu tres sentidos geraes, nas reacções que se manifestam em consequencia das excitações externas, a saber: *tropismo*, *sensibilidade diferencial* e *psychismo*.

Pode o animal responder á excitação, segundo leis mecanicas precisas, mais ou menos complicadas conforme o caso. Poderá haver uma simples atracção ou repulsão. A totalidade dos movimentos se pode dar o nome de *tropismo*.

Podem os factores internos produzir um choque e um retrocesso na reacção motriz do animal, como acontece quando um corpo, chocando contra outro, retrocede segundo as leis

(\*) Extrahido do livro em impressão: *Philosophia, Pedagogia, Religião.*

na reflexão. A esse phenomeno se pode chamar *sensibilidade diferencial*.

Finalmente pode acontecer que o modo pelo qual responde o animal á excitação, se complique em virtude de modificações impressas aos centros nervosos, por effeito de suas acções anteriores. Ao entrar em jogo esse factor interno, as reacções complicam-se mais; e, então, se diz que o organismo obedece ao *psychismo*.

Jennings julgou muito abstracta essa systematização das reacções animaes, e quiz accrescentar-lhe, especialmente nos casos de psychismo, em que não se manifesta a regularidade das leis mecanicas, a consideração do modo especial de comportar-se o individuo. A estes factos, tomados no seu conjunto, denominou *comportamento* (behavior = comportamento). Dahi a Psychologia do comportamento ou *Behaviorismo*.

O termo *comportamento*, applicado a principio na Psychologia animal, foi generalizado para a Psychologia humana. Instituiu-se então um methodo objectivo, consistente em estudar o comportamento só pela observação ou mediante a experimentação.

Creou-se, assim, em Psychologia, um modo de proceder, que trata da observação objectiva e das reacções por ella estudadas, modo de proceder que versa sobre o *comportamento*, isto é, a attitude em conjunto, a reacção total do individuo em presença de determinadas circumstancias. Por exemplo: Propõe-se a um individuo um problema, que o deixa perplexo; o seu comportamento se traduzirá em movimentos de expressão, contrações musculares, phenomenos vasculares (rubor, pallidez) e glandulares (suor, salivação) etc. etc., sem falar nas modificações internas. Esse conjunto de reacções caracteriza a attitude provocada pelo problema proposto, pela excitação, pelo estimulo. Não basta comparar as transformações de um ou de varios mecanismos corporaes determinados (por exemplo: —a circulação, a respiração) ou observar as expressões de idéas ou a reacção intellectual. Tem-se uma attitude total, um comportamento re-

sultante, que pode e deve ser estudado, e que não é uma simples somma de elementos.

Os psychologos americanos, dessa corrente, entendem substituir a analyse da consciencia pelo estudo do comportamento e das reacções organicas, e completam esse estudo com um certo numero de provas intellectuaes, com o intento de construir uma Psychologia sobre a base de observações puramente objectivas.

Segundo elles, o facto psychico se estriba principalmente em reacções organicas; assim o pensamento nada seria sem as palavras, isto é, sem os movimentos pelos quaes se exterioriza; a affectividade seria integrada pelas transformações corporaes que a acompanham; a vontade resultaria de uma especie elevada e complicada de reflexos, entre os quaes a inibição e a associação desempenhariam um papel importante e explicariam o que, deante da consciencia, parece uma deliberação; a propria imagem seria devida a nada mais que o movimento subconsciente e perderia, segundo Watson, o valor psychologico que lhe outorga a observação interior.

Os psychologos americanos do Behaviorismo, propriamente, não declaram inexistente a consciencia; seria o mesmo que negar a luz do dia. O que contestam é a importancia da vida consciente, para se entregarem ao estudo dos reflexos. Declaram renunciar á Psychologia considerada como estudo de consciencia e restringem-se á Psychologia do comportamento, deixando á introspecção um logar muito secundario.

Relativamente á introspecção, á observação interna, não ha entre elles unidade de vistas; assim, Mac Dougal dá-lhe mais importancia, em contrario a Watson, e Miss Calkins aconselha os dois methodos — a introspecção e o exame objectivo dos comportamentos (1).

Assim, pois, o Behaviorismo é a orientação que pretende renunciar á exploração da vida psychica consciente e

(1) J. Dwellauers — *Tratado de Psicologia*, trad. hesp.

aspira a uma sciencia exacta do comportamento objectivo, exteriormente visivel.

Para explicar esses comportamentos, reconhece, como facto fundamental, os reflexos. (2).

O ponto de vista do *Behaviorismo* é causalístico e, em sentido lato, biologico. Para elle, só se justifica a intervenção do factor *alma*, quando, na cadeia: *situação — reacção*, não pôde o comportamento do ser vivo explicar-se completamente pelas leis da Physica, da Phoronomia e da Química.

No *Behaviorismo*, emprega-se, tanto nos animaes como nas crianças, a observação que constitue, nestas, uma garantia contra a introspecção.

Negam, entretanto, os behavioristas que sejam objectivistas no sentido de Bechterew; porque estudam o individuo, embora mediante a observação externa, e não pretendem supprimir o estudo das manifestações mentaes nem reduzir-as só as leis dos reflexos corticaes.

O Behaviorismo renuncia ás categorias psychologicas tradicionais, tanto ao conceito de função mental como ao de faculdade, e limita-se a estudar grupos de factos e processos.

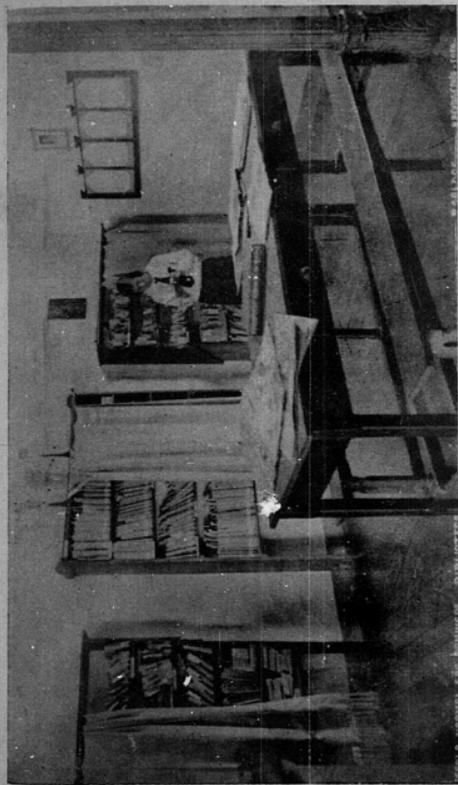
Para Watson, o objecto da Psychologia são os *instinctos*, as *emoções* e os *habitots*. O pensamento pertence aos habitos implícitos; é um comportamento interior, para cujo estudo dispomos de tres methodos: a observação da reacção objectiva ante toda sorte de estímulos externos, as reacções verbaes ou respostas e o methodo dos *tests*, que se emprega para a medida da intelligencia e para conhecer as aptidões pessoas. Watson é, pois, radical.

Apparentada com o Behaviorismo é a Psychanalyse, si a reduzirmos ao seu ponto de vista fundamental: Toda a vida psychica procede da mecanica de um systema de impulsos inconscientes.

Da Psychanalyse, de Freud, procedeu a Psychologia individual, de Adler. O caminho de Behaviorismo até a Psy-

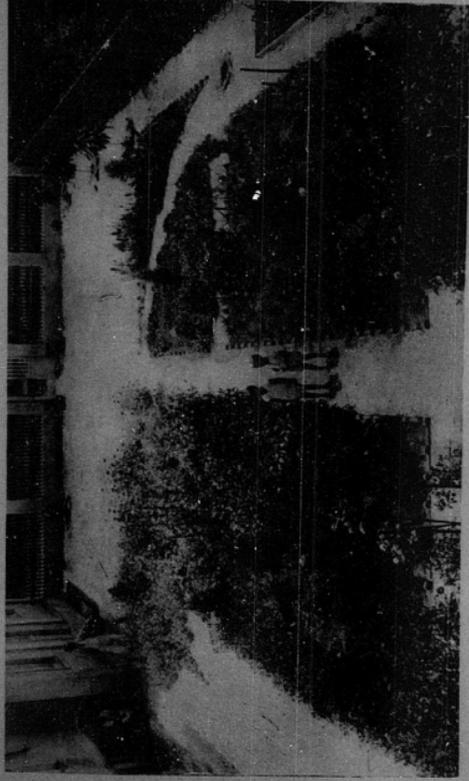
(2) J. Lindworsky — Zu Grundfragen der Gestaltpsychologie. *Stimmen der Zeit*, Mai 1935.

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Escola Normal, "S. Domingos", de Poços de Caldas — Bibliotheca

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Grupo escolar de S. Pedro do Pequiury — Jaridim

chologia individual é a accentuação crescente da pessoa integral, do ser psychologico total em face dos detalhes.

Antes de passar ao estudo do *Gestaltismo*, accentuemos mais uma vez, que a tendencia dominante hoje, em Psychologia, é a de encarar a vida como um todo. E' o radicalismo synthetico succedendo ao radicalismo analytic. E varias são as doutrinas seguindo essa orientação, bastando citar: A Psychologia racional de Spranger, a Psychologia evolucionista de Bühler, a Psychopathologia de Jasper, a Characteriologia de Dürings, a Psychanalyse de Freud, a Psychologia individual de Adler, a Psychologia genético-estructuralista, a Psychologia da constituição (*Constitutions-psychologie*) etc.

Como diz J. Dwelshauvers, podemos falar em uma orientação psiquiatrico-psychologico-pedagogico-philosophica da Psychologia actual.

Na Allemanha, a Psychologia atravessou uma crise, em consequencia da esterilidade revelada pela Psychologia experimental. Surgiu uma reacção contra esse estado de cousas, visando o retorno ao estudo do homem integral, completo, concreto, real. Tal é a significação da *Psychologia da estrutura ou Psychologia estructuralista (Gestaltspsychologie)*, a que chamamos *Gestaltismo*.

A' frente dessa reacção, notamos Diltley, Wertheimer, Köhler, Koffka, Spranger, etc.

O seu ponto de vista fundamental, considerado como resultado da Biologia moderna, é organico, a saber: A vida psychica só se revela, quando considerada como um todo.

Entre todas as diciplinas philosophicas, é sobretudo a Psychologia que deve ser elaborada organicamente.

Os contéudos da consciencia não existem isoladamente, mas agrupados em formações, eia conjunctos mais ou menos estaveis: *complexos*.

O complexo não se confunde com os elementos, que o formam; e ha mesmo uma certa independencia entre um e outros, de sorte que o complexo, depois de formado e consolidado, pode continuar a existir mesmo depois de

mudados os conteúdos parciais: é o que se chama *transponibilidade* do complexo.

Póde-se então falar em uma *estructura* do complexo.

Distinguem-se os complexos em: *mentaes* (assim os conhecimentos) e *intuitivos* (percepções, imagens) quando apresentam uma delimitação especial.

Entende-se propriamente por *estructura* a coexistência de phenomenos dependentes, em que cada um se sustem e se explica pelo outro. O conjuncto ultimo, a *estructura* mais completa, é o eu.

Em vez de *estructura* (*Struktur*), como Diltley, emprega Wertheimer a palavra *forma* (*Gestalt*).

Diz Dwelshauvers que a noção de *estructura* é mais geral que a de *forma*, pois, a *forma* só affecta os elementos representativos que a totalidade de um facto de consciencia abrange.

São correntes, porém, as tres expressões — *estructura*, *fôrma* e *totalidade* ou *conjuncto* (*Ganzheit*), como equivalentes em Psychologia, embora exista a differença supra-mencionada e embora se manifestem a *estructura* e a *forma* no *conjuncto*.

A iniciativa desse movimento deve-se a Wilhelm Diltley (1833-1911) — Para elle, o ponto de vista fundamental em Psychologia é totalitario. O conhecimento psychologico é synthetico; deve proceder da vida psychica evoluída e não de phenomenos elementares. O conceito central por que Diltley procura exprimir o caracter totalitario da experiencia psychologica (*Erlebnis*) é o complexo estructural, ou *estructura*.

Diltley procura alcançar uma identificação entre a realidade immediata contida no facto psychologico (*Erleben*) e a operação logica do pensamento scientifico; esforça-se por uma regularização do conhecimento. E do exame theorico sobre a natureza do conhecimento intellectual resultam relações com outros problemas de relevancia, tanto no terreno psychologico como no racional: assim o

problema da expressão, o problema da formação de typos psychologicos, etc.

Entre os philosophos que mais se influenciaram pelas idéas de Diltley, temos Spranger, para o qual o conceito *estructura* foi um ponto de partida systematico, decisivo. O seu conceito *fôrma vital*, (*Lebensform*), como expressão comprehensiva para a unidade originaria de um conjuncto psychico, determinadamente orientado, é uma elaboração mais avançada do conceito *estructura*, de Diltley. Spranger elimina desse conceito as determinações biologicas, uma vez que deduz a definição da *forma* vital exclusivamente das formas culturaes e das manifestações do "espirito objectivo". — Sciencia, Arte, Religião, Economia, Sociedade, Hierarchia.

E' um modo de comprehensão vizinho da Philosphia do valor (*Wertphilosophie*).

O conceito de individuo só é possível pelas suas relações com os valores normativos. O problema de uma typologia psychologica deve ser resolvido mediante a pesquisa das possibilidades, de como se actualizam na actividade psychologica individual os valores especificos.

Nessa orientação, admitindo um modo synthetico de conhecimento do psychismo, ha variantes; assim: a Psychologia da expressão (*Ausdruckspsychologie*) de L. Klages, a Psychologia personalista de W. Stern, a Psychanalyse e seus ramos, a Characteriologia, etc. Tambem a Psychologia experimental se deixou influenciar pela nova corrente; basta citar a *Grazer Schule* (Külpe). Hoje não é somente o grupo Wertheimer-Köhler que trata desse assumpto, mas quasi todos os representantes da Psychologia experimental. Só se ouve falar em *complexo*, *forma*, *estructura*. O novo conceito *estructura* representa o papel do *cavallo de Troia*, pois, de accordo com a sua ultima significação principal, elle é o inimigo das concepções fun-

damentais sobre que repousa o edificio da Psychologia exacta. (3)

Köhler realizou experiencias em macacos (chimpanzé) e concluiu que as percepções nos animaes não são reductíveis a sensações isoladas, mas formam uma *estructura* ou relação complexa, de accordo com a qual se dá a attitude do animal, em sentido determinado.

Iguaes resultados obteve experimentando sobre crianças. Concluiu que a vida psychica da criança não começa por um cahos de impressões, mas por *estructuras* bem definidas.

O que a principio impressiona a criança, como o animal novo, é a expressão do rosto dos seres que o rodeiam, ou seja uma totalidade muita complexa, uma *estructura*.

As *estructuras* sensitivo-motoras não dependem de que adquiramos consciencia de uma impressão sensorial ou de um movimento; ellas se estabelecem directamente entre os centros nervosos, sem intervenção do systema cortical.

A noção de *estructura* corresponde, pois, a uma realidade. A ella se reduz outra expressão nova, devida a Wertheimer, a *forma*. Todo conteúdo sensorial se apresenta como forma e não como justaposição de elementos. A percepção ostenta uma forma determinada. Perceber é figurar, é dar uma fórmula; não ha objecto sem fórmula: A fórmula é producto da *estructura*. (4)

Os factos de consciencia, diz Krüger, jamais se reduzem a simples aggregados. As partes ou aspectos que nelles se distinguem, não são os elementos de uma *somma*; mas, formam sempre parte de um todo e a elle se referem. Cada successo mental é um complexo que, por isso, reveste certas propriedades e, por sua virtude, dá logar a certos

(3) Friedrich Seifert — *Psychologie. (Handbuch der Philosophie)*.

(4) Dweihauvers — *Op. cit.*

efeitos, em todas as suas propriedades e nas acções de suas partes.

Os estados effectivos têm grande importancia na vida mental. Nelles se manifesta mais prompto, com maior amplitude e maior força o caracter de totalidade inherente a todo successo ou acontecimento vital, pois se infiltram no conjuncto e lhe imprimem em um certo sentido sua modalidade.

A vida mental implica *estructuras* mais ou menos complexas. (5)

Proximo desses novos conceitos de *estructura*, forma, conjuncto, é o conceito de *synthese* segundo Dweihauvers e outros. Assim, Dweihauvers chamou *syntheses sensoriaes* a representação ou imagem mental, a associação e as connexões que o espaço e o tempo offerecem em nossa vida psychica. A memoria, a atenção, a imaginação e linguagem são *syntheses* que agrupam operações diversas e, á primeira vista, se nos apresentam como funcionismos psycho-physiologicos. Tem-se: *estructuras mnemicas* (memoria); *selecção moto-representativa* (atenção); *selecção inconsciente e inventiva* (imaginação); *estructuras verbaes* (liguagem). (6)

De tudo isso, diz Dweihauvers, se conclue que os processos estudados pela Psychologia offerecem aspectos muito variados, que se podem estudar em pontos de vista diferentes. Antigamente, julgava-se necessario analysar, decompor os complexos em seus ultimos elementos. Por exemplo, o complexo a que chamamos atenção, era decomposto em processos elementares, como movimentos de adaptação de origens hereditarias, com as suas reacções espontaneas nos musculos dos olhos, dos ouvidos e dos órgãos do tacto, inibição de movimentos estranhos a essa adapta-

(5) Dweihauvers — *Op. cit.*

(6) *Ibidem.*

ção, estado affectivo resultante de transformações musculares que se manifestam em consequencia da adaptação sensitivo-muscular.

Obtinham-se processos elementares, facilmente concebíveis, susceptíveis, por sua vez de serem reduzidos a processos biologicos, e, por fim, a um mecanismo intelligível, uma vez que a atenção, considerada em bloco, tal como se passa deante da consciencia, é uma totalidade complexa, que a introspecção não logra aclarar.

A mesma analyse se pôde fazer, passando dos processos aos resultados, assim a representação de um objecto, conseguida pela atenção. Agora, porém, procede-se de modo differente, considerando o conjunto.

A muitos pôde parecer que esses dois pontos de vista, esses dois methodos, analyse e synthese, não sómente podem conciliar-se, mas até completar-se, no estudo dos phenomenos psychologicos. Entretanto, a cousa não é assim tão simples, como parece.

Effectivamente, o que se sustenta agora é que, em um processo tomado em conjunto, ou em uma representação considerada como factio de consciencia, ha alguma cousa mais que a somma ou a fusão de suas partes componentes.

Si a representação é mera combinação de elementos, como se explica que a percebamos como um *todo unificado*, e não como um mosaico?

A forma que, aos nossos olhos, revestem as imagens que recebemos de uma cousa, não é uma simples cópia dessa cousa e nem a combinação de elementos sensoriaes, cada um dos quaes corresponda estrictamente a um aspecto dessa cousa.

Aos olhos do psychologo, a representação é ao mesmo tempo complexa e unitaria.

A representação sensível não se explica por mera causalidade physica, isto é, a representação não corresponde, ponto por ponto, ao estímulo exterior; ao contrario, vem regida por uma estrutura mental, parecendo indicar que as nossas representações, em vez de obedecer a uma simples

causalidade physica, se mostram subordinadas a uma actividade psychologica que não se deixa reduzir a sensações e nem a imagens de sensações.

Seja qual for a explicação exacta do phenomeno, certo é que a percepção não é reductivel a um mero recebimento de um certo numero de excitações physicas, pela via dos órgãos sensoriaes.

O estudo analytico-experimental, como era feito, em nada adeantarã. Assim, a theoria da associação de idéas não pôde mais ser considerada como lei da vida mental, e foi declarada insufficiente.

Assim como, no phenomeno biologico, ha alguma cousa mais que as acções physico-quimicas, assim tambem, no psychologico, ha alguma cousa mais que os simples elementos verificados pela analyse.

Uma representação não é a simples juxtaposição nem a fusão dos dados sensoriaes, que entram a formal-a; a imagem em que se converte, o fundo da memoria que a torna possível e a excede de muito, finalmente, as relações que ella mantém com os outros conteudos da vida mental, assim como com os sentimentos e os appetites, tudo isso é irreductivel a uma combinação de elementos. (7)

Por isso, para explicar o que o associacionismo não conseguia, surgiram estas hypotheses: a noção da *synthese mental* (Dwelshauvers), Höfding, Pierre Janet), as noções de *estructura e forma* (Krüger, Wertheimer, Köhler, Koffka), a noção da *interpenetração* entre as varias phases da vida mental (Bergson), etc.

Têm sido consideradas como extremamente fructuosas as novas idéas, na sua applicação ao estudo da creança. A nova Psychologia permittiu uma fundamentação mais precisa da proposição já firmada, de que, na educação e ensino, é necessario acompanhar a evolução da creança, considerando-a em conjunto, assim como uma comprehensão melhor dos principios da intuição e da escola activa.

(7) *Ibidem.*

O que não corresponde ao grau de evolução da creança permanece sem sentido e sem interesse para ella. O mesmo diremos quanto ao ensino das varias disciplinas.

Regeitando, pois, o associacionismo e o atomismo mecanicista, accentua Dilthey o caracter totalitario da Psychologia.

E' uma orientação completamente differente da dominante. Sem pesquisar experimentalmente nem explicar causalmente, pelo menos como o fazia a Psychologia que já se pôde chamar *antiga*, mas, comprehendendo intuitivamente, a *nova* Psychologia considera o conjunto da vida psychica e as suas características typicas, tornando comprehensíveis, por estas, os phenomenos parciaes, isolados. A essa Psychologia incipiente deu Dilthey, em 1865, o nome de *real* (*Realpsychologie*), que foi mudado mais tarde em *Psychologia da estrutura* (*Strukturpsychologie*) ou dos *typos* (*Typenpsychologie*).

Em contrario á Psychologia antiga, chamada *dos elementos* (*Elementenpsychologie*) a nova, a Psychologia da forma, da estrutura, do conjuncto, da totalidade, sustenta que:

- 1) — Não existem, na consciencia, *elementos* de sensações ou de impressões, mas *conjuntos* de factos, de phenomenos psychicos: — *primado-phenomenico*.
- 2) — Nos phenomenos psychicos, não se podem explicar satisfatoriamente as funções do conjunto, attribuindo-as aos elementos: — *primado-funcional*.
- 3) — A evolução psychica começa no conjunto; não consiste na juxtaposição de elementos, mas na differenciação da totalidade do conjuncto: — *primado-genetico*.
- 4) — Esses tres primados tanto valem no terreno vital como para os factos intellectuaes e affectivo-volitivos. As partes elementares dos phenomenos são condicionadas e explicadas pelo conjunto. (8)

E' uma orientação franca e decisivamente opposta ao

(8) *Lexikon der Pädagogie der Gegenwart — Art. Gestalt.*

associacionismo, á Psychologia dos elementos, ao atomismo psychologico, ás pesquisas analyticas, a muitas das idéas correntes e dominantes ainda, e que, não ha muito, nos eram apresentadas como a ultima palavra da sciencia.

Assim, pois, temos em presença duas orientações differentes quanto á forma do conhecimento psychologico, as quaes, como dissemos, já se podem chamar *antiga* e *nova* Psychologias, embora recentes ambas. Convém insistir nos seus caracteres differencias:

1) — O objectivo da antiga Psychologia, da Psychologia experimental, exacta, considerada sciencia natural, é uma explicação dos factos pela sua redução a connexões causaes; o da nova Psychologia, considerada sciencia racional, uma interpretação e uma reprodução formativa da significação dos phenomenos psychicos.

2) — Na antiga Psychologia, o conceito — *facto psychico* (*Erlebnis*), é concebido sob o modelo da indução experimental, corrente nas sciencias naturaes (collecção de factos, divisão e analyse de elementos simples, subordinação á regularidade de uma lei, etc.).

Na nova, esse conceito têm significação muito differente. No fundo, o que se procura, pôde ser designado como uma experiencia ampliada ao ser vivo. Para ella, o schema — *Sentidos-synthese intellectiva, sensorialidade-intellecção* — é incommensuravel.

3) — A antiga Psychologia, para a qual é dogma de fé a ausencia da alma, considera como seu objecto a somma de conteudos, processos, condições, disposições da consciencia. Pelo seu modo analytico-causal de considerar, não lhe resta forma alguma synthetica para exprimir o conjunto psychico. Para ella o homem como unidade e personalidade permanece inatingivel.

A nova Psychologia tem o seu pensamento ligado ao conjunto primitivamente dado, isto é, anterior ás partes que o constituem, e sabe que forma conceitual deve ser escolhida para essa idéa fundamental. Para essa segunda orientação,

a Psychologia, no fundo, só pôde ter sentido effectivo como Psychologia da personalidade.

4) — Nenhum conhecimento é possível sem alguma forma geral. Na primeira Psychologia, a generalização experimental grava o elemento constante, no fluxo variável dos phenomenos da consciencia, como uniformidade da lei. Os phenomenos são explicados pela lei, uma vez que, como *casos*, são a ella submettidos.

A segunda procura o caminho para uma generalização morphologica. Para esta, o geral, o constante, o subsistente, se manifesta no sentido de *forma, typo, character*, que apparece no concreto, se revela e vem á expressão. Constroem-se leis racionais: — percebem-se formas; connexões causasas são *explicitivamente substituidas*: — a significação é comprehendida e interpretada. Em principio, os conceitos de forma e connexão significativa excluem a idéa de lei.

Como mostra em artigo recente (9), Lindworsky, autaridade na materia, o *Gestaltismo*, longe de completar, como á primeira vista poderia parecer, combate o *Behaviorismo*. E, mesmo, constitue aquelle o primeiro adversario deste.

Uma das principaes figuras da nova escola, Köhler, em viagem pelos Estados Unidos, onde realizou varias conferencias, procurou mostrar aos *Behavioristas* que as suas idéas estavam ameaçadas de torpor, porquanto haviam elles applicado cedo demais aos problemas psychologicos, os methodos experimentaes, e, além disso, só aparentemente a observação do comportamento exterior constituia o processo mais objectivo que é possível alcançar actualmente, em Psychologia.

Conhecidas, no essencial, as duas novas correntes psychologicas, faremos algumas considerações a respeito. Embora um tanto confuso ainda e exigindo maior elaboração, o conceito *estructura* é promissor: libertará a Psychologia dos prejuizos oriundos do sensualismo e do associacionismo, e da obscuridade projectada por essas theorias; levará a es-

tudar, não elementos abstractos, mas complexos, vivos; e conduzirá a uma concepção mais organica da vida. Aguardemos o futuro.

E' necessario desde já premunir contra os exaggeros, em que quasi sempre cahem as novas escolas. Os psychologos que introduziram esse novo conceito, *estructura ou forma*, parecem dar-lhe um valor biologico e quasi mesmo uma realidade de metaphysica. E' ir muito longe.

A tendencia geral dessa escola é materialista. Segundo Köhler, a consciencia não é ou não contém ao lado das forças de organismo, uma força especial que seja capaz de suspender o curso da dynamica physica do systema nervoso. Ha, porém, quem faça a hypothese contraria.

Esse ponto de vista incide no materialismo, não porque equipara o espirital ao corporeo ou porque negue o espirito, senão porque transfere á materia a supremacia que recusa á alma.

O ponto de partida do *Gestaltismo*, está na observação de certas singularidades de percepção. Admitte-se que a percepção esteja em dependencia normal com a excitação, que a condiciona. Ora, certos phenomenos têm sido estudados, em que semelhante concepção não parece confirmar-se. Assim, Wertheimer observou impressões de movimento, sem movel correspondente, como fonte de excitação. Hering já se havia occupado em observar a constancia da luz, côres e grandezas de imagens visuales.

A antiga Psychologia explicava esses phenomenos pela attracção dos factos de reprodução. Varios exemplos se poderiam citar. Dos trabalhos de H. Werner resulta, que a excitação optica não pôde ser considerada como motivo de reprodução visual para as imagens das letras. Ha ainda experiencias de Kurt Levin e de F. Scola, provando a existencia da reprodução automatica.

O proprio Köhler confessa honestamente que, "em virtude de pesquisas recentes, se tornou muito verosimil o facto de se realizarem reproduções não causadas por um com-

(9) Artigo já citado.

portamento para ella ordenado". Taes confissões diz Lind-worsky, tornam superfluo o *Gestaltismo*.

Não dispomos, ainda, portanto, de uma doutrina verdadeiramente scientifica, na materia. E, como temos repetido, já o facto de se irem succedendo varias doutrinas prova contra ellas. Ora, não se ha de ir alimentando a Escola nova com o que quer que appareça de novo.

Segundo Mac Dougall, o ponto de vista do *Behaviorismo* é todo aristotelico. Effectivamente, essa comprehensão do phenomeno psicologico é muito mais proxima da doutrina psicologica aristotelico-thomista do que se poderia esperar de uma orientação nascida no mesmo solo da Psychologia cotemporanea.

Não ha, continua Dougall contradicção entre a Psychologia de Aristoteles e a do comportamento; a opposição entre ellas surge, no momento em que se toma pretexto da Psychologia meramente objectiva para negar o valor do espirito. Neste ponto, porém, a attitude objectiva degenera em tendenciosa; e o psychologo que a adoptasse, abandonaria o recinto da sciencia para metter-se na polemica.

Sensatas palavras, salutareos conselhos frequentemente esquecidos! Quão salutar seria, si guardada sempre a reserva que nos aconselha Dougall!

Por sua vez, nos faz Seifert, relativamente ao *Gestaltismo*, uma affirmação sobre a qual devem meditar os partidarios da Psychologia, como vinha esta sendo comprehendida nos tempos modernos. Segundo elle, essa Psychologia representava, historica e systematicamente, a dissolução do principio medieual da *forma substantialis*; a nova orientação, decidida ou hesitante, deliberada ou inconscientemente, segue um caminho em cujo termo se reconhece aquelle principio, já desprezado e tido como perempto, a que se dava o nome de *morphé e eidos, fórma e essencia*. (10)

Da natureza da união entre a alma e o corpo, segun-

(10) F. Seifert — *Op. cit.*

do a doutrina escolastica, resultam consequencias que o *Behaviorismo* e o *Gestaltismo* confirmam.

Vimos a confissão auclorizada e expressiva de Wundt, segundo a qual, ha perfeito accordo entre a doutrina escolastica e os resultados colhidos no laboratorio de Psychologia experimental.

Vimos como Driesch, pela via exclusivamente biologico-experimental, chegou ao mesmo conceito que Aristoteles e Santo Thomaz — que a vida é uma *fórma*.

Não é, pois, contrario a essa *Philosophia perenne*, que se realizem experiencias e pesquisas no sentido de reconhecer, como se passam as cousas, no organismo humano, por occasião da serie de operações e phenomenos correspondentes, que terminam no pensamento, na idéa, na intellecção, no julgamento. E como, nessas operações, ha uma parte meramente sensível, é justificado e proveitoso estender aos animaes irracionaes as pesquisas, com o fim de obter conclusões validas tambem para o homem.

Não combateremos esse processo em si mesmo, desde que não se pretenda tirar de taes experiencias, maiores conclusões do que a sua natureza permite.

Infelizmente, muitas vezes, antes de alcançada a segurança que a verdadeira sciencia outorga, lançam-se affirmações, proclamam-se resultados, lavram-se sentenças e traçam-se orientações, que devam modificar completamente a concepção do mundo e da vida, fundamental para o homem.

Eis o que combatemos.

LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

Pedimos permuta a todas as publicações  
congeneres dos Estados e do estrangeiro

# Os jornaes escolares em Minas Geraes

Mario CUNHA

(Assistente da Directoria de Estatística do Ministerio da Educação)

O exito da primeira exposição de imprensa escolar realizada na Sociedade de Amigos de Alberto Torres, trouxe como consequencia immediata o incremento da diffusão dos jornaes escolares, notadamente em Minas Geraes.

Designado pelo Ministerio da Educação para orientar neste Estado novos serviços de estatística educacional, de logo chamou-me a attenção a extraordinaria quantidade de jornaes e o interesse com que eram tratados por mestres e alumnos. Figurando entre as estatísticas educacionais a da imprensa periodica, achei que seria de todo interesse a realização de um inquerito estatístico dos jornaes escolares do Estado. Para isso entendi-me com o meu distincto collega e amigo dr. Floriano de Paula, Auxiliar Technico do Secretario da Educação, que gentilmente poz á minha disposição todo o seu prestigio de Chefe do Corpo Technico de Assistencia ao Ensino. Com a collaboração da distincta educadora professora Geralda Lucas organizei um formulario apropriado e dei inicio ao inquerito, cujos resultados estão resumidos nas tabellas que se seguem.

Primeiro inquerito deste genero realizado no Brasil, era natural que se resentisse de algumas falhas, o que, entretanto, não aconteceu, tendo havido, apenas, grande demora nas respostas, dadas as difficuldades de communicações para os municipios mais longinquos. Difficuldades de ordem material não permittiram desdobrar as tabellas como era nosso desejo, nem tampouco discriminar os dados por

municipios, o que será feito em publicação futura, apparecendo agora essa discriminação segundo as circumscripções technicas de Ensino.

Na presente estatística, organizada especialmente para figurar na Segunda Exposição de Imprensa Escolar, não figuram todos os aspectos abrangidos pelo inquerito, sendo focalizados apenas os mais interessantes sob o ponto de vista estatístico.

Dos 411 jornaes arrolados, apenas 83 deixaram de enviar informações, ou sejam 20%; muitos delles por terem deixado de existir e outros já tendo avisado, por telegramma, haverem providenciado sobre a prestação de informes.

Dos 328 que informaram, 158 contam menos de 1 anno de idade e 170 são mais idosos, isto é, já estão com a sua vida mais integrada no ambiente escolar. Desses 170, 88 contam 2 annos de vida, 31 tres annos e 51 mais de 3 annos.

Segundo a periodicidade, 57 eram semanarios, 241 mensarios, 5 annuarios e 25 de publicação indeterminada.

De assignatura remunerada eram 195 e para distribuição gratuita eram 133; 176 eram destinados a todo o estabelecimento escolar e 152 eram privativos de classes.

O progresso da imprensa escolar em Minas é bem caracterizado quando analizamos os systemas de impressão dos jornaes infantis. Assim é que apenas 109 são escriptos a mão, ou sejam 33%, sendo os demais impressos por meios mechanicos, isto é, 192 eram em typographia, 15 em mimeographo e 12 em maquina de escrever.

Podemos calcular que o numero de exemplares impressos durante o anno de 1934 elevou-se a cerca de . . . . . 600.000 ! E isso porque a maior parte teve a sua tiragem inferior a 200 exemplares. Segundo a tiragem verificamos que 236 jornaes não foram além de 200 exemplares; 42 tiveram a tiragem entre 201 e 300 exemplares; 17 de 301 a 400; 12 de 401 a 500; 6 com mais de 500 e 15 com tiragem indeterminada.

Publicação de caracter leve, o jornal escolar tem, em geral, o seu numero de paginas muito limitado. Assim, dos

328 jornaes, 297 foram de 4 paginas; 12 de 6 paginas; 7 de mais de 6 e 12 de numeros de paginas indeterminado.

Exceptuando a Capital, que conta 67 jornaes, a circumscripção que maior numero conta é a 15.<sup>a</sup>, com 21, e, dos municipios do interior, os que maior numero de jornaes possuem são Barbacena, Itajubá, Januaria, Pará de Minas e São João del-Rey.

Para essa Segunda Exposição era desejo da S. A. A. T. levantar uma estatistica dos jornaes escolares de todo o Brasil, mas tendo sido de férias o periodo que antecedeu á sua inauguração, não foi possivel levar a effeito essa providencia, com a qual poderiam ser organizados quadros comparativos do desenvolvimento da imprensa escolar nos Estados da Federação.

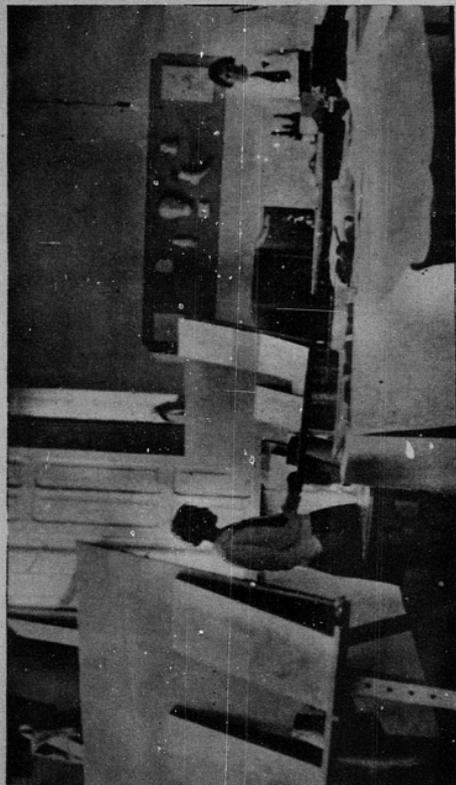
A contribuição de Minas Geraes, que avulta sob todos os aspectos, é o reflexo da aprimorada cultura do seu professorado, norteado pela sadia orientação que imprimiu aos trabalhos da pasta da Educação o seu ultimo secretario Dr. Noraldino Lima.

MARIO CUNHA

### Vida escolar em Minas Geraes

Pedimos aos srs. directores de estabelecimentos de ensino publico e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normaes e gymnasios) que nos forneçam, para serem publicadas, photographias (instantaneos, de preferencia) documentarias da vida escolar em nosso Estado.

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



**Jornaes escolares, que funcionaram em 1934, segundo a manutenção,  
tempo de existência e periodicidade**

(Distribuição pelas Circunscrições Técnicas de Ensino)

CIRCUN- SCRIÇÕES	TOTAL		Mantidos por		FUNDADOS HA				PERIODICIDADE			
	Em circun- sção	Que inter- manun	Calças es- colares	Outros re- cursos	Menos de 1 anno	2 annos	3 annos	Mais de 3 annos	Semual	Mensal	Annual	In a eternas- nada
Capital	67	32	5	27	18	9	2	5	7	23	—	2
2.ª	14	14	5	9	9	3	2	—	3	6	—	5
3.ª	9	9	—	9	2	5	1	1	—	9	—	—
4.ª	7	7	—	7	4	1	1	1	—	7	—	—
5.ª	9	9	—	9	7	1	1	—	—	9	—	—
6.ª	6	4	—	4	1	1	—	2	—	3	—	1
7.ª	11	5	—	5	4	—	—	1	2	3	—	—
8.ª	10	10	2	8	4	1	2	3	2	7	—	—
9.ª	9	9	—	9	2	4	3	—	—	8	—	—
10.ª	10	10	1	9	4	4	1	1	1	9	—	—
11.ª	10	10	3	7	6	1	1	2	2	—	—	—
12.ª	12	12	—	12	5	3	2	2	—	11	—	1
13.ª	10	15	2	13	4	7	1	3	1	12	—	—
14.ª	14	14	—	14	10	3	1	4	1	14	—	—
15.ª	21	17	1	16	5	—	—	—	—	12	1	—
16.ª	16	15	7	9	7	4	3	2	2	13	—	1
17.ª	7	7	—	7	3	2	—	2	—	3	—	—
18.ª	19	19	1	18	12	6	—	1	1	17	—	—
20.ª	17	17	1	16	12	3	2	—	5	10	2	—
21.ª	7	7	3	4	—	6	—	—	1	2	—	5
22.ª	3	3	—	3	1	1	—	1	2	—	1	—
23.ª	13	9	3	6	2	4	1	2	1	7	—	1
24.ª	8	8	1	7	1	4	—	3	4	3	—	1
25.ª	10	9	1	8	5	1	—	3	1	8	—	—
26.ª	11	10	2	8	7	3	—	—	3	7	—	—
27.ª	5	4	1	3	3	1	—	—	—	3	—	—
28.ª	7	7	2	5	1	4	—	2	2	5	—	—
29.ª	12	8	—	8	6	1	1	—	—	8	—	—
30.ª	4	1	—	1	—	—	—	—	—	1	—	—
31.ª	7	4	—	4	—	—	—	4	2	—	—	2
32.ª	15	5	1	4	3	2	—	—	1	4	—	—
33.ª	8	3	—	3	2	1	—	—	2	1	—	—
34.ª	1	1	—	1	—	—	—	1	—	1	—	—
35.ª	2	2	—	2	—	1	1	—	—	1	—	1
36.ª	11	11	1	10	10	1	—	—	9	2	—	—
Total geral	411	378	45	283	188	88	31	81	67	241	5	25

Jornais escolares, existentes em 1934, segundo o numero de paginas e a tiragem

CIRCUM- SCRIPÇÕES	TOTAL		Numero de paginas				TIRAGEM MÉDIA*					
	Em circula- ção	Que informa- ram	4	6	Mais de 6	Indetermi- nada	Até 200	210 a 300	311 a 400	401 a 500	Mais de 500	Indetermi- nada
Capital	67	32	27	2	1	2	24	2	1	2	—	4
2.*	14	14	10	2	1	1	9	—	3	2	—	—
3.*	9	9	9	—	—	—	9	—	—	—	—	—
4.*	7	7	7	—	—	—	4	1	2	—	—	—
5.*	9	9	7	2	—	—	9	—	—	—	—	—
6.*	6	4	4	—	—	—	4	—	—	—	—	—
7.*	11	5	4	1	—	—	2	3	—	—	—	—
8.*	10	10	8	1	—	1	7	1	—	1	—	1
9.*	9	9	9	—	—	—	7	2	—	—	—	—
10.*	10	10	10	—	—	—	9	—	—	1	—	—
11.*	10	10	9	—	1	—	7	2	1	—	—	—
12.*	12	12	10	—	—	2	10	1	—	—	1	—
13.*	19	13	15	—	—	—	12	1	1	1	—	—
14.*	14	14	14	—	—	—	7	2	2	—	—	3
15.*	21	17	16	—	1	—	13	3	1	—	—	—
16.*	15	16	15	—	—	1	13	—	2	—	1	—
17.*	7	7	6	—	—	1	4	1	—	—	2	—
18.*	19	19	19	—	—	—	17	2	—	—	—	—
20.*	17	17	16	—	1	—	15	1	—	1	—	—
21.*	7	7	6	—	—	1	6	1	—	—	—	—
22.*	3	3	3	—	—	—	3	—	—	—	—	—
23.*	13	9	8	1	—	—	6	3	—	—	—	—
24.*	8	8	7	—	—	1	5	3	—	—	—	—
25.*	10	9	8	—	1	—	3	—	1	—	—	5
26.*	11	10	8	2	—	—	5	1	2	2	—	—
27.*	5	4	4	—	—	—	2	1	—	—	—	1
28.*	7	7	6	—	1	—	3	1	—	1	2	—
29.*	12	8	8	—	—	—	8	—	—	—	—	—
30.*	4	1	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—
31.*	7	4	4	—	—	—	4	—	—	—	—	—
32.*	15	5	4	1	—	—	4	—	—	1	—	—
33.*	8	3	3	—	—	—	1	—	1	—	—	1
34.*	1	1	1	—	—	—	1	—	—	—	—	—
35.*	2	2	2	—	—	2	—	—	—	—	—	—
36.*	11	11	9	—	—	—	10	1	—	—	—	—
Total geral	411	328	297	1 <sub>2</sub>	7	12	236	42	17	12	6	15

Jornais escolares, existentes em 1934, segundo o preço de assignatura, o sistema de impressão e o âmbito de circulação

CIRCUM- SCRIPÇÕES	TOTAL		Assigna- tura		Systema de impressão			Pertencentes		
	Em circula- ção	Que infor- maram	Pagas	Gratuitas	Em typogra- phia	Em mimeo- grapho	Em ductilo- graphia	Manuscrito	A todo esse estabelecimen- to	A uma só classe
Capital	67	32	23	9	19	5	2	6	12	20
2.*	14	14	9	5	10	—	—	4	10	4
3.*	9	9	9	—	6	1	—	2	3	6
4.*	7	7	7	—	4	3	—	5	5	2
5.*	9	9	3	6	2	—	2	5	2	7
6.*	6	4	3	1	3	—	—	1	3	1
7.*	11	5	5	—	3	—	—	5	5	—
8.*	10	10	8	2	10	—	—	—	7	3
9.*	9	9	9	—	7	2	—	1	6	3
10.*	10	10	5	5	7	—	—	3	5	5
11.*	10	10	6	4	6	2	1	1	6	4
12.*	12	12	5	7	7	—	—	5	5	7
13.*	19	15	8	7	10	—	—	5	9	6
14.*	14	14	6	8	7	—	2	5	10	4
15.*	21	17	14	3	14	—	2	1	12	5
16.*	16	16	14	12	5	—	—	11	7	9
17.*	7	7	3	4	5	—	—	2	6	1
18.*	19	19	6	13	6	—	—	13	6	12
20.*	17	17	6	11	4	—	1	12	5	12
21.*	7	7	2	5	3	—	—	1	3	2
22.*	3	3	2	1	3	—	—	—	1	5
23.*	13	9	5	4	8	—	—	—	9	—
24.*	8	8	7	1	8	—	—	—	8	—
25.*	10	9	3	6	3	—	—	6	1	8
26.*	11	10	8	2	9	—	—	1	9	1
27.*	5	4	3	1	3	—	—	1	1	3
28.*	7	7	5	2	7	—	—	—	3	4
29.*	12	8	5	3	9	—	1	—	7	5
30.*	4	1	1	—	1	—	—	—	3	—
31.*	7	4	4	—	—	1	—	—	5	—
32.*	15	5	4	1	5	—	—	3	3	1
33.*	8	3	3	—	2	—	—	—	1	—
34.*	1	1	1	—	1	—	—	—	1	—
35.*	2	2	1	1	1	—	—	—	1	2
36.*	11	11	2	9	1	—	—	10	1	10
Total geral	411	328	195	133	192	15	12	109	176	152

# Estudo em torno das emoções

Natr. STARLING

## IV

Sympathia, Amizade, Amor

"A sympathia é uma inclinação natural, boa e louvável. E' o iman que attrae o homem para o homem, a alma para a alma".

A sensibilidade sympathica amplia-se á medida que a intelligencia se desenvolve, do immediato para o mediato, do concreto para o abstracto. Assim, a principio, a sympathia é egoista — limita-se ás pessoas que cercam o individuo: paes, irmãos, parentes; depois, com a idade ella se vae ampliando e se estende aos homens celebres, e aos grandes martyres, etc. Faria de Vasconcellos commenta que as emoções sympathicas são limitadas no começo, mas, pouco a pouco, alargam-se e estendem-se á medida que a vida affectiva e intellectual se organiza e se desenvolve. Commenta ainda que a educação, com o seu regimen de rigores, de severidade, de intimidações, de coações, de desrespeito pelas necessidades e desejos da vida infantil, não é, de certo, um dos meios de suscitar estes sentimentos.

As emoções de sympathia são a base da amizade e do amor.

E. Von Aster distingue a amizade do amor dizendo que ambos têm, uma só base — a sympathia; mas o amor tem um certo calor pessoal que falta á amizade. No amor ha certa exclusividade: a poucas pessoas podemos amar, pelo contrario, podemos estimar a muitas.

O amor leva, ás vezes, a raciocinios falsos. "O amor é cego". "Quem ama o feio, bonito lhe parece", são expressões da sabedoria popular.

A amizade permite a analyse, sob o seu dominio; podemos encontrar qualidades e erros, admirar e condenar ao mesmo tempo, isto é, podemos fazer uma apreciação perfeita da personalidade.

A mais bella expressão de amizade e amor é a caridade. Caridade é amor, amor a Deus, amor ao proximo, amor a nós mesmos. "Ella é o liame da perfeição. Eis que o Salvador constituiu o christianismo, a Religião do Amor, e quer que a caridade seja o signal distinctivo de seus discipulos. Por consequencia, só temos uma lei — a caridade, uma só cousa a fazer — amar" (Meschler).

A' caridade deve pertencer o nosso coração. Ella deve servir de escudo á alma, afastando os sentimentos que a levam ao orgulho e á antipathia. Antipathia é falta de affinidade de sentimentos, de pensamentos, de attitudes.

Caridade e dominio proprio são as armas mais effizes para vencel-a. Fugir ás cousas antipathicas será temor, covardia e nenhum merecimento traz. Ficar, tolerar, é o dever do christão. Sendo o momento propicio á pratica da mortificação, da caridade, do amor do dominio proprio, por que desprezal-o?

Marden, no livro "Os milagres do Amor", attribue ás emoções de sympathia, toda doçura e felicidade que se possa gozar na vida, apresenta-as como a maior força do Universo, o unico poder capaz de impulsionar o homem para fins elevados. Em "Alegria de Viver", Marden fala de modo suave e certo nas alegrias da amizade: "Ninguém pôde viver sem amigos. O resultado seria uma vida infructifera e miseravel.

O que dá valor á nossa vida é uma agradavel convivencia, uma carinhosa communhão com os nossos semelhantes. A amizade é uma permuta das qualidades do coração. Si quizerdes ser felizes, cultivae uma natureza aberta, maneiras amaveis, espirito jovial. Dae o melhor de vós mes-

mos a todos os indivíduos; em todas as ocasiões. Aprendei a dizer a todos cousas agradáveis. Fazei acções generosas e ficareis surprehendidos por ver quanto se ampliará a vossa vida, como a vossa alma se expandirá, e até que ponto se enobrecerá o vosso ser!"

As emoções de amizade e amor, unificadas na sympathia, devem, pois, ser cultivadas do berço ao tumulo, formando o traço luminoso da existencia, dignificando o homem, harmonizando-lhe o character, impellido-o para o Bem e para o Bello.

Nair STARLING

## Sociedade Pestalozzi

Consultório Medico-Pedagogico

*Para creanças retardadas, nervosas, com perturbações da linguagem, surdas-mudas, com defeitos de character, anomalias de crescimento, etc.*

As segundas e quartas-feiras de 8 às 11 horas

Rua Rio de Janeiro, 451

Bello Horizonte

Gratuito para creanças pobres

## Projecto

Maria Suzel de PADUA

O methodo de projectos assenta-se na psychologia da acção: pensar e executar. Não ha materias a estudar: ha o problema a ser resolvido. O processo implica o ensino globalizado.

### Um exemplo

Uma actividade de finalidade literaria foi levada a efeito, em 1931, no grupo escolar "Barão do Rio Branco", da Capital. Os alumnos da classe de 2.º anno da professora Maria José Penna, não encontrando na bibliotheca infantil do grupo, livros recreativos cuja redacção, experiencia e vocabulario estivessem ao alcance de seu desenvolvimento pedagogico, tiveram a idéa de organizar um livro de historias que pudesse ser usado nas horas de leitura, pelas futuras classes de 2.º anno.

Achando boa a idéa, a professora resolveu aproveitá-la como meio de ensinar aos alumnos a lingua patria. O exemplo para os exercicios era de interesse geral. Propondo a sua realização, as creanças motivavam espontaneamente o projecto. Definidos os objectivos da professora e do alumno, estava, tambem, organizado o plano de trabalho. Decidida a sua execução, começaram a surgir, naturalmente, questões interessantes. E a idéa foi posta em pratica, no mesmo dia em que nasceu.

Na apresentação das suggestões, discussão, commentario, comparação, critica, julgamento e escolha do tamanho do livro, typo das historias, qualidades do papel, cor da capa.

illustração, etc., as creanças encontraram optimas oppor-tunidades para o desenvolvimento da *linguagem*.

Diariamente, tres ou quatro alumnos ficavam encarregados de inventar pequenas historias do typo real. Contavam-nas em aula aos collegas, exercitando-se na *composição e elocução*. E escolhendo a mais interessante, corrigindo seus pontos fracos e reproduzindo-a oralmente, ficava organizado o pensamento, desenvolvida e aprimorada a *linguagem*.

A lapis e em papel de bloco, os alumnos escreviam, em aula, a historia escolhida. Fazia-se a *redacção* escripta, depois e o assumpto ser conhecido, sentido e organizado oralmente.

Algumas palavras, devido á natureza do assumpto, teriam de entrar na *redacção*. Os alumnos, a pedido da professora, escreviam-nas no quadro. Fazia-se a *correção* das que estivessem erradas. Antes que uma fórma incorrecta pudesse ser fixada, era feito, previamente, o estudo da *orthographia*.

A professora destacava os exercicios dos blocos, levava-os para casa e annotava os erros em cada *redacção*.

No dia seguinte eram distribuidos á classe. Cada alumno lia o trabalho de um collega e mostrava os erros cometidos. O autor ia ao quadro e corrigia, á vista de todos, o proprio erro. Todos collaboravam na construcção melhor da phrase e na escolha da expressão adequada. Embora os erros fossem individuaes, a *correção* era aproveitada collectivamente. Assim, a *apreciação e correção* eram acceitas com alegria, porque construíam o trabalho. Julgadas as historias, era escolhida uma para fazer *parte* do livro.

Transcripta no quadro, pela professora, a historia escolhida era copiada a tinta, pelos alumnos, em seus livros (projecto). Annotavam-se os nomes do autor e redactor. Desse modo, o mesmo trabalho podia ser *composição* de um alumno, *redacção* de outro e servir de copia para toda a classe. A copia motivada concorria para a boa *calligraphia* das creanças. Cada alumno passava, ainda, para o seu caderno de *composição*, a sua *redacção*, entregando o original á pro-

fessora. Archivado o mesmo, servia para confrontar o desenvolvimento dos exercicios, mais tarde.

Querendo melhorar as *composições*, as creanças leram alguns livros de *literatura infantil*. Muitas usaram depois, em seus trabalhos de *redacção*, expressões caracteristicas e sons onomatopaicos que revelavam a influencia exercida pela leitura e pelo autor. A *leitura*, embora recreativa, tornava-se instructiva.

Uma vez por semana eram lidas as historias já existentes nos livros. As creanças manifestavam grande satisfação, sentindo que seu trabalho era real, espontaneo, productivo.

#### Nota

Estava satisfeito o objectivo da professora, que visára o desenvolvimento da lingua patria. Entretanto, não terminou ahi a realização. O projecto motivou uma expansão maior das actividades dos alumnos, extendendo-se a outros estudos, incluindo e relacionando as diversas materias do programma.

Confeccionando o *livro de historias*, as creanças interessavam-se cada vez mais pelo seu trabalho.

Assim, á medida que o projecto avançava, faziam-se necessarias as *informações*. Eram procuradas em revistas, jornaes, livros, em conversa com os conhecidos, etc., compreendendo factos *geographicos, historicos e scientificos*. Foram feitas em aula diversas palestras sobre a fabricação dos livros, papeis, machinas proprias, seus componentes, procedencia, etc. Os assumptos relacionavam-se entre si.

Instructiva ou recreativa, silenciosa ou oral, a *leitura* alcançava o seu objectivo principal: a interpretação.

Comprando papeis, cartolina, lapis de côr e demais materias necessarios á confecção do livro, calculando o preço de todos e de cada um, appareceram problemas praticos sobre as diversas operações, sendo resolvidos em aula. Empregando a regua graduada para marcar as linhas e figuras

geometricas, dividir a cartolina e o papel e medir as distancias necessarias, os alumnos exercitavam-se no conhecimento de uma parte do systema metrico. Oralmente ou por escripto a difficuldade era resolvida. Os factos fundamentaes eram fixados após a concretizaçào. A *arithmetica* demonstrava a sua utilidade immediata, concorrendo para o estudo das operações; o raciocinio era exercitado.

Como o papel não fosse pautado, as creanças tiveram de traçar linhas verticaes para separar as margens, horizontaes e parallelas para a parte destinada á escripta. Deixavam espaços em rectangulo, quadrado, circulo, losango, oval, triangulo, etc., para a illustraçào. Applicava-se a *geometria* sem ser preciso definil-a.

Interpre:ando cada historia, fazia-se o esboço da illustraçào a lapis preto. Apontando os erros, a professora orientava a correcçào no quadro no proprio caderno. A classe corrigia e melhorava os seus *desenhos*, *colorindo-os*, em seguida, a lapis de cõr. Media ainda a cartolina e o papel, cortava-os e collava-os, na encadernaçào dos livros. As informações collidas eram recortadas e collocadas em albums proprios. Os *trabalhos manuaes* não eram actividades isoladas, alliam-se ás materias de classe.

Foi lembrada uma visita a uma *typographia*. Os alumnos recolheram, em desenhos e apontamentos, a documentaçào muito variada sobre as observações feitas e informações dadas por pessoas competentes. A *excursão* foi uma boa aula, servindo de material illustrativo.

A classe fez a *dramatizaçào* do projecto. Foram representados a capa do livro, o prefacio, o indice, as illustrações e as historias. Enquanto uns interpretavam as diversas partes do livro, outros alumnos faziam no quadro, a giz de cõr, as illustrações. Foi o numero mais original do *auditorio* do dia. Serviu de *incentivo* aos alumnos e professoras de outras classes. Alguns dias após a realizaçào do auditorio, começaram a apparecer albums, livros de his-

torias e demais assumptos referentes a outras disciplinas do programma, em muitas salas de aula.

A professora organizou alguns questionarios sobre o projecto. Respondidos por escripto, pelos alumnos, em *provas semanaes*, serviram para verificaçào do aproveitamento escolar e de demonstraçào sobre a marcha dos estudos e trabalhos. Eram *tests* contendo pequenas questões de leitura, *arithmetica*, lingua patria, sciencias, etc., etc.

O projecto serviu ainda para figurar na *exposiçào* das actividades dos alumnos. Occupou a classe por todo o anno, mantendo, vivo, o *interesse* das creanças.

A grande quantidade de *trabalhos nesse genero* apresentados na exposiçào geral do grupo, no fim do anno, prova o interesse demonstrados pelas classes que adoptaram, depois, o *projecto-methodo*. Essa, a melhor recommendaçào para a efficiencia do trabalho realizado. O projecto foi, pois, de "*um acto problematico, levado á realizaçào completa, em seu ambiente natural*".

MARIA SUZEL DE PADUA

Toda correspondencia para esta publicaçào deve ter este endereço: "Revista do Ensino".  
— Secretaria da Educaçào.

# Hymno ao Brasil

Letra de Durval Pinho — Musica de L. L.

## Piano

Que importa ser do Brasil  
 zô - nos do Ma - ra não os Pi - ra? De - la go - as, do Ser - gi - po.  
 Do Pia - uy do Gra - ra? Verde - ja - ra Ca - ta - ri - ra do Rio do Pa - ra  
 ra? - - Ou do Ri - o de Jo - nos ro, So - no Bra - sil tu - do - ra?  
 Nos pas - sa - mos so ca - ri - nha Nos mes - mos do - la - ces cer - ra: De - fen - de o pa - trio

ns - nha En - tal te cer - nos sa ter - ra De - fen - de o pa - trio ns - nha  
 E - tal te cer - nos sa ter - ra De - fen - de o pa - trio ns - nha  
 E - tal te cer - nos sa ter - ra De - fen - de o pa - trio ns - nha

## Côro

Nosso amor, nosso carinho,  
 No mesmo ideal se encerra:  
 — Defender o patrio ninho,  
 Enaltecer nossa terra!

## Solo

Que importa ser do Amazonas,  
 Do Maranhão, do Pará,  
 De Alagoas, de Sergipe,  
 Do Piauí, do Ceará?  
 Ser de Santa Catharina,  
 Rio Grande ou Paraná?  
 Ou do Rio de Janeiro,  
 Si no Brasil tudo está?

## Côro

O Brasil grandioso e forte,  
 Eis o supremo ideal;  
 Sempre unido até a morte,  
 Num grande amor fraternal.

## Solo

Pernambuco, Parahyba,  
 Espírito Santo e mais  
 São Paulo e Minas Geraes,  
 E a Bahia e o Matto Grosso,  
 E o sertanejo Goyaz  
 São todos, todos eguaes;  
 Sob o pendão auri-verde,  
 São irmãos, não são rivales.

## Côro

O Brasil grandioso e forte,  
 Eis o supremo ideal;  
 Sempre unido até a morte,  
 Num grande amor fraternal!

## Solo

A Lei Aurea, a Inconfidência,  
 Ypiranga, Humaytá,  
 Itororó, Angustura,  
 Laguna, Cerro Corá,  
 Relembra heróicos feitos,  
 Lições mais nobres não ha,  
 E mostram que a Patria unida  
 Sempre invencivel será!

## Côro

Nosso amor, nosso carinho,  
 No mesmo ideal se encerra:

## Solo

Defender o patrio ninho,  
 Enaltecer nossa terra!

## Côro

Enaltecer, exaltar,  
 Exaltar a nossa terra!

# Importancia da fome

Abel FAGUNDES

E' indubitavelmente muito consolador o interesse com que o nosso professorado tem procurado iniciar-se nos supostos mysterios da educaçao renovada. E igualmente consoladora é a coragem com que, em sua maioria, tem buscado romper a força de inercia da rotina e movimentar-se em busca de melhores resultados de sua obra.

Ha, entretanto, certos males que vêm seriamente prejudicando a fructificação desse esforço, do qual, sem embargo, tanto se esperava.

E entre taes males, avulta a lamentavel confusão frequentemente estabelecido entre os fins que a educaçao se propõe, e os meios que applica para attingir-os.

Tomar o fim como meio é, em toda obra humana, arriscar-se a uma desorientação inevitavel, é marchar, como Ashverus, por todas as terras e entre todos os povos, sem nunca encontrar o ponto de repouso e o justo premio de esforço dispendido.

Pois, infelizmente, é o que se está dando entre nós. E com tal cegueira, e com tal empenho, e com tal obstinação, que, afinal de contas, estamos em vesperras de attingir... o ponto de partida!

Factos ha-os que farte para documentarem a assertiva. Vejamos alguns delles.

Ninguem ignora que um dos principios cardeas da pedagogia vigente é a adaptação do trabalho escolar ás condições peculiares do espirito infantil, com o seu funcionamento proprio, com as suas preferencias especificas, com os seus privativos interesses, com a sua forma especial de agir.

Assim tem a creança necessidade de agir? Demos-lhe exercicio phisicos, trabalhos manuaes.

A creança, em determinada idade, sente-se attrahida e dominada pelo desejo da posse, pela mania das collecções? Levemol-a á organização do museu, da bibliotheca, dos albums.

Sente-se necessidade da vida associativa?

Encaminhemol-a para os clubs de leitura, para os pe-lotões de hygiene, de frequencia, e outros.

São agora os interesses estheticos que preponderam? Ahi estarão, para satisfazel-c, a musica, o desenho, a modelagem, as biographias dos heroes, dos sabios, dos santos, as poesias, as pinturas...

Mas, como se hão de servir estas iguarias á creança? Mesmo no caso, — aliás probabilissimo — de taes interesses serem encontradiços em todas as creanças, desde que atinjam determinadas edades, não terão nenhuma influencia os factores, meio e tempo, ou, em uma só palavra, as circumstancias que envolvem a creança?

Respeitaram-n'o os professores? Não. Quasi sempre, quando a febre de renovação agita o sangue do organismo escolar, o que começa a haver é um verdadeiro pareo entre os professores. Si uma classe crêa um club de leitura, a outra classe ha de, incontinentemente, crear outro.

Si o 2.º anno "B" fez no mez de março dois audictorios, o 2.º "C" ha de fazer tres, para ficar com um saldo...

Leu-se na "Revista do Ensino" que o Grupo de Ribeirão das Garças fez uma excursão com 800 alumnos e tudo correu muito bem? Pois então o Grupo de Pedra Preta ha de fazer outra, igualzinha, mas ha de levar tres dias para levar a melhor sobre o primeiro, que apenas gastou um dia...

O regional elogiou o trabalho da professora Balduinoa

porque seus alumnos apresentaram 36 albums motivados pelo estudo de Historia? Pois então se hão de fazer albums de Geographia, Arithmetica, Língua Patria, Religião e Canto...

E por ahí além, numa competição inocua.  
Inocua, propriamente, não. Nociva, é que é.

Pois então as materias é que vão ser meios para os clubs, as excursões e os albums, ou estes é que hão de servir de instrumentos para a instrucção e esta para a educação?

Si a professora marca uma excursão apenas porque a sua collega Clarimunda já realizou uma; si a mestra Carlota creou, ella mesma, como novo Padre Eterno, um club de leitura no seu terceiro anno, apenas porque o outro terceiro anno já possui um club; si a propecta d. Myrtes fez de sua classe uma fabrica de albums só porque a professora technica ou a regional acham *isso* muito util e muito bonito, sabeí, oh! exmas. collegas Clarimuida, Carlota e Myrtes, que vós erraes tanto como o professor Pancraccio que obrigava a petizada a decorar as conjunções adversativas, as phases da lua e os ossos do corpo humano!

Sabei, minhas pobres collegas, que vossos alumnos se enfadam grandemente com as vossas excursões, os vossos clubs, os vossos albums.

E si, na vossa boa fé, me perguntardes a causa dessa exquisitice de vossos alumnos diante de vossos tão modernos e tão technicos processos de ensino, eu vos responderei, minhas collegas, simples e sinceramente:

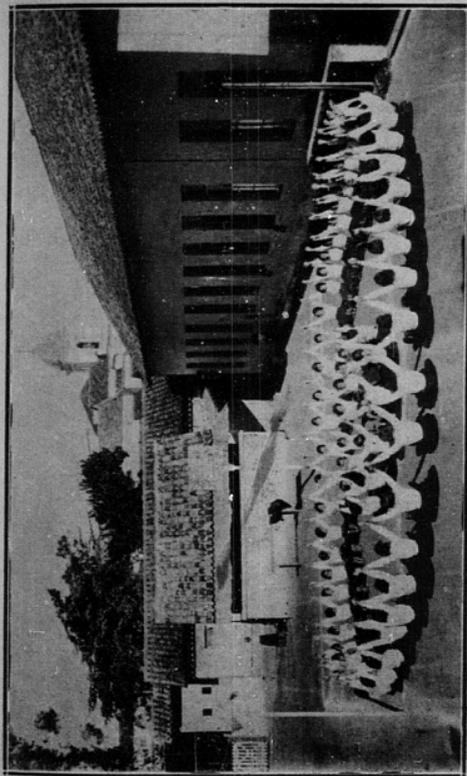
— Mui saborosos são os acepipes que estaes servindo aos vossos alumnos, senhoras mestras.

Mas... acaso indagastes se elles tinham fome?!

O que é fome, na ordem physiologica, chama-se, na ordem psychologica, interesse actual.

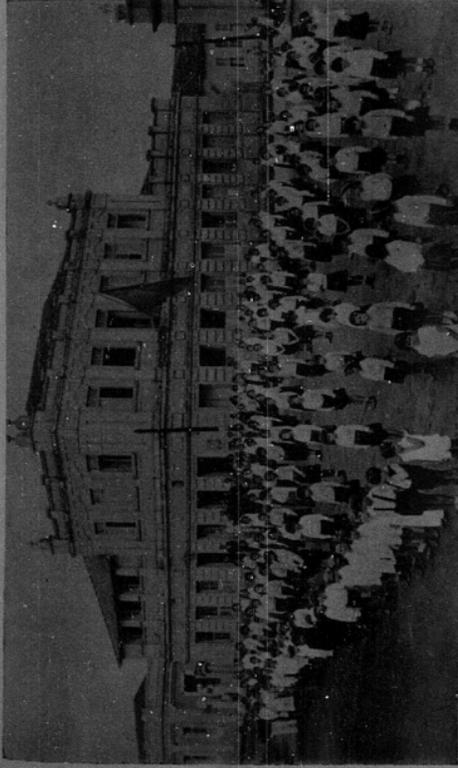
ABEL FAGUNDES

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Collegio N. S. das Dores, de S. João d'El-Rey — Uma aula de gymnastica rhythmada

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Escola Normal de Uberlândia — Em dia de Festa Nacional

## A proposito de peças de musica classica (\*)

(Audições de discos e experiencias em sessão)

M. CHEVAIS

Ao mesmo tempo que proseguimos no estudo de uma serie de tests musicaes, — estudos de que só poderíamos dar conta em algumas palavras, — quisemos saber o que os alumnos maiores do curso complementaar experimentam quando ouvem certas peças musicaes, antes de qualquer apresentação, de qualquer commentario, e ás vezes até com inteira ignorancia do titulo da obra e do nome do auctor.

Perguntamos a nós mesmos que idéas pode evocar a audição dessas obras, que conhecimentos musicaes podem ellas despertar. O inquerito cujos resultados adduzimos não passa de um primeiro ensaio, a que teríamos podido, certamente, dar outra forma.

Talvez fosse preferivel, por exemplo, deixar á creança mais liberdade de desenvolver o seu pensamento. Todavia, ha, no trabalho de redigir tamanha parte de convenção, tamanho character artificial que não sabemos si esta maneira de agir nos teria ministrado mais esclarecimentos seguros do que respostas um pouco seccas a um questionario estabelecido. E, pois, nós proprios teríamos muito mais trabalho em classificar em apreciar reflexões demasiado extensas.

---

(\*) Traduzido do Francez — Sensations et perceptions musicales. Bulletin de la Société Alfred Binet, n. 262-3.

Officiamos em seis classes: quatro classes de curso complementar de meninas duas classes do curso complementar de meninos. — E o nosso inquerito abrangeu tres partes que vamos passar successivamente em revista.

## I

Na escola de meninas da rua Belzunce, fizemos ouvir, antes de mais nada, servindo-nos de um disco de phonographo, *O Cysne*, de Saint-Saens.

Os alumnos não sabiam o que iam ouvir, nem o que deviam pensar a respeito.

Entretanto, tivemos a idéa de fazer preceder de exercicios especiaes a audição.

Assim, no curso complementar de primeiro anno, lêramos aos alumnos, ou mandamos que os alumnos lêssem tres descrições de animaes, de Buffon: o *Cavallo*, o *Beija-flor*, o *Cysne*, e os alumnos tinham que fazer, em redacção, o *trato do Gato*.

No curso complementar do segundo anno, classe A, as leituras tinham consistido em: *O Cysne*, de Sully Prudhomme, *O Esquilo*, de Buffon, *A Cotovia*, de Michelet, e da redacção a respeito do *Gallo*.

No segundo anno, classe B, as leituras tinham dado a conhecer: *O Asno*, de Buffon, *O Gato*, de Edmond Rostand, *Os Elephantes*, de Leconte de Lisle; e o thema de redacção tivera por assumpto *O Cysne*.

Na ultima classe, onde se acham meninas que passaram pelo menos dois annos em cursos complementares, nenhuma preparação immediata havia sido prevista, mas, no principio do anno escolar, a poesia de Sully Prudhomme — *O Cysne* — havia sido estudada e commentada.

Perguntamos a nós mesmos de que proveito podia ser, para a apreciação da obra musical, semelhante preparação litteraria.

As creanças, após a audição, foram convidadas a responder a um questionario polycopiado, cujos diversos itens

vamos agora repetir alternativamente, resumindo as respostas obtidas:

1.<sup>a</sup> pergunta: — *Você já conhece a peça que acaba de ouvir?* — Si esta pergunta foi formulada, o foi porque *O Cysne*, de Saint-Saens, é bastante conhecido para que nos preocupemos de saber si as meninas a quem fazemos ouvir se acham bem nas condições de o apreciar.

Queriamos vêr si esta differença de situação em presença dessas provocava apreciações differentes, uma das outras.

Admittamos por momentos que uma resposta positiva não tem, talvez, um valor absoluto; que é possível um vago reconhecimento...

Duas creanças apenas é que dizem que a peça é *O Cysne*, de Saint Saens. Com as outras, pouca certeza. Ha 42 que declaram conhecer o trecho, mas sem poder precisar, e ha 48 que o não conhecem.

Como se conheceu essa peça? Seria pelo concerto? Não. Pela execução particular? Muito menos. A obra é conhecida, sobretudo, graças ao phonographo (um terço dos 42 alumnos) e pelo Radio (dois terços). Mas utiliza-se muitas vezes o disco pelo Radio. De sorte que a obra deve a sua diffusão, principalmente, aos diversos registamentos phonographicos, e sem duvida tambem ás suas facilidades de execução nos studios da T. S. F., porquanto exige apenas dois executantes: pianista e violoncellista.

2.<sup>a</sup> pergunta: — *Sublinhe, entre os epithetos abaixo, os que lhe pareçam caracterizar melhor esse trecho:* — Os epithetos dados eram estes: *alegre, triste; agitado, pacífico; alto, tímido; simples, complicado.*

Esta lenta evolução de um cysne na agua calma de um tanque ou de um açude evoca sobretudo os epithetos: pacífico, simples. Um pouco de nobreza, e pois de altivez, pode ser notado. Não é muito alegre, porque o rhythmmo é lento, a linha firme, a phrase longa, para pintar uma ave austera e

majestosa, que desliza sem violencia, com desenvoltura. Mas não é triste igualmente.

Será essa tambem a opinião das nossas meninas?

O epitheto "*triste*" é o mais frequente !... Em seguida, e muito vizinho delle, vem o epitheto "*pacífico*"; depois, a palavra "*simpl.*". A escolha das palavras é, pois, sufficiente, si se houver por bem admittir que, para meninos, e talvez para meninas, particularmente, tudo o que não é alegre é triste.

Em todo caso, os epithetos oppostos como *alegre, agitado*, jamais se encontram, a bem dizer. Mas a palavra "*complicado*" apparece muitas vezes, e parece indicar um curioso erro de apreciação, a não ser que sejamos, ainda nesse ponto, victimas de uma confusão, e que a palavra "*complicado*" não se refira, para nossas meninas, não á composição musical, mas á sua obscuridade, á difficuldade de lhe descobrir o sentido.

A *altivez* só apparece em, 10.<sup>o</sup> das creanças, e esses 10.<sup>o</sup> são contrabalançados por um numero igual de creanças que têm achado essa musica *timida*. Havia mister perceber nesse caso, evidentemente, difficeis subtilizas.

Emfim, dissemos que as meninas se repartiam em dois grupos: umas diziam conhecer, e outras, ignorar a peça. Pois bem ! cousa curiosa: isso em nada modifica a qualidade das respostas. As alumnas que não conheciam absolutamente o trecho respondem antes um pouco melhor, mas a differença é realmente insignificante.

3.<sup>a</sup> pergunta: — que instrumento de musica você reconheceu ?

Todas as alumnas reconheceram o piano, salvo uma, que mencionou a harpa. Os ultimos compassos do piano permitem esta confusão.

Um instrumento de cordas é igualmente indicado por todas, mas ouve-se ora o violoncello, ora o violino, e este ultimo obtem dois terços dos suffragios. Ahi tambem a confusão não é grave.

Esta confusão é tão frequente entre as que dizem co-

nhecer a peça como entre as que a ignoram, e, effectivamente, a identidade das respostas entre os dois grupos nos fará abandonar doravante esta distincção no decurso da nossa expoição.

4.<sup>a</sup> pergunta: — *Qual o instrumento que predomina?*

Por unanimidade, é o instrumento de cordas (de cordas friccionadas). Apenas uma creança indica o piano.

5.<sup>a</sup> pergunta: — *Por que razão domina esse instrumento ?*

A pergunta embarça... Cerca de um terço dos alumnos não responderam mais; aos dois outros a maior parte das creanças dão respostas banaes: o piano é um acompanhamento... o violino tem um som mais doce... Algumas dão um passo mais: o violino parece falar... exprime melhor os sentimentos.

Nenhuma creança tem sufficiente cultura musical para comprehender que, afim de se descrever um só animal, se faz mister um só instrumento concertante; é que, si o piano pinta o sitio, os logares, o quadro, isto é, o lago, com seu marulho de pequenas vagas, o instrumento, que evolve muito separadamente, caracteriza a scena que se pretende descrever.

Aliás essa idéa de solista que represente um unico ser teria talvez occorrido a muitos alumnos si o thema do trecho tivesse sido revelado, ou si, pelo contrario, se tivesse feito ouvir esta outra pagina de Saint-Saens, chamada "O Viveiro", e onde todas as aves pipilam juntamente.

Algumas respostas, entretanto, são mais felizes. Diz-se: "o violino é a alma do trecho... o violino faz comprehender melhor... o violino tem sons mais ligados, mais unidos"...

6.<sup>a</sup> pergunta: — *"A peça se assemelha a outra peça musical e a qual dellas ?*

Apenas um terço dos alumnos responde a esta pergunta. Os outros se calam.

Uma quinzena de respostas são bastantes satisfacto-

rias. Citam-se o *Luar*, do Werther (8 vezes), *Rêverie* (4 vezes), a *Meditação de Thais*, a *Berceuse de Jocelyn*.

Uma quinzena de outras respostas se afastam citando *Manon, uma serenata de Gretry* (a do namorado ciumento), sem duvida), A *Serenata* de Schubert, o *Luar* de Chopin... paginas e versos e, até mesmo, ai de nós! *Rose Marie!*

De sorte que a 7.ª pergunta: *Qual das duas peças preferere Você? o trecho ouvido ou o que elle lhe lembra?...* não tem propriamente interesse algum.

8.ª pergunta: — V. se lembra agora das condições em que trabalhamos. Uma classe aprendera o *Cysne*, de Sully Prudhomme. Outra fizera o retrato do *cysne*, em redacção. Outra lêra o *Cysne*, de Buffon. Agora perguntamos *si o trecho evoca a leitura de um poema ou de uma pagina literaria?*

Uma quarta parte apenas das alumnas responde! Ellas citam Ronsard, Lamartine, Musset, Victor Hugo, Leconte de Lisle...

Nenhuma dellas cita Buffon ou Sully Prudhomme, nenhuma faz aproximação precisa, nem mesmo as duas alumnas que souberam dizer que o trecho se chamava: *o Cysne!*

A pergunta seguinte: "*Qual V. preferere?* (a musica ou a poesia) cae por si mesma e, si a musica é geralmente preferida, isso não tem mais interesse.

9.ª pergunta: — *Ha, no decurso deste trecho, idéas que se oppõem, contrastes?*

65 respostas em 110 alumnas: 45, sim; 20, não.

A pergunta não foi comprehendida. Emfim, perguntamos: *o trecho evocou, no espirito de vocês, uma paisagem? qual? um estado de alma? um ser?...*

Era de esperar, o trecho evoca, sobretudo nas meninas, um estado de alma em mais da metade dos casos. Vêm, depois, as paisagens... em seguida, os seres!

O estado de alma é caracterizado pelas palavras: *melancolia, scisma, tristeza, recolhimento... ternura, meditação, dôr...*

As *paisagens* são calmas: á beira de um rio, de um riacho, — crepusculo, paisagem nocturna, — o mar ao amanhecer, — um sitio sombrio — um luar — uma floresta, — um lago, — um recanto verde e fresco — uma tarde — um poente no mar...

Os seres são: poetas (que scismam ao luar) — uma pessoa querida, morta, — meu pae, — minha mãe, — uma menina, — uma mulher que sorri doce e tristemente...

*Resumamos* tudo isto: as apreciações são justas, pela maior parte, mas sem finura.

A cultura musical se revela ainda muito imperfeitamente.

Uma peça musical, mesmo descriptiva, não fala á imaginação si a intenção do compositor não é conhecida.

## II

Antes de vos ensinar o resultado da segunda parte do inquerito, vamos submettê-las, si nisso consentirdes, á mesma prova a que se sujeitaram as creanças. Não podiamos fazê-lo com o trecho precedente, por demais conhecido. Pedir-vos-emos que respondais, em seguida, a um questionario, aliás mais curto do que o precedente.

Pareceu-nos que os nossos commentarios seriam mais interessantes si vós mesmos tivesséis feito a experiencia.

O trecho que acabais de ouvir — podemos dizê-lo agora — é o *Hymno á Natureza*, de Beethoven.

Como as nossas meninas se sahiram da difficuldade?

1.ª pergunta: — *que executantes distinguem vocês?*

Havia que attender a executantes de todas as ordens: instrumentistas, artistas de ambos os sexos.

1.º — Uma duzia de creanças apenas pensaram nos *instrumentos*, ou porque a palavra executantes houvesse orientado de outro modo os espiritos, ou porque os instrumentos houvessem sido abafados pelas vozes, varridos da lembrança.

Uma unica alumna menciona a orchestra.

As outras ouviram o organ (e não foi muito mal), o harmonium, ou alguns instrumentos particulares: violino, violoncello, piano.

E uma alumna ouviu o quê? o clarim!!!

2.º — No que concerne ás *vôzes*, uma creança reconheceu o caracter estrangeiro da lingua, mas julgou ouvir vozes inglesas, quando estas eram allemãs. . .

Algumas alumnas distinguiram bem *vozes graves* e *vozes agudas*, e é através tambem do que querem dizer as alumnas que, fingindo erudição, empregam os termos de *soprano* e de *contralto*.

Duas alumnas mencionam uma voz de barytono

Aliás, um quinto das creanças apenas julgaram necessario entrar nesse pormenor.

A maioria dellas mencionou sómente que o côro comprehendia *homens e mulheres*. . . Uma unica alumna indica creanças, e, em 110, uma vintena de creanças se absteram de qualquer resposta.

2.ª pergunta: — *Sublinhar, entre os epithetos abaixo, os que parecem caracterizar melhor o trecho ouvido: nobre ou modesto, — familiar ou magestoso, — leve ou grave — religioso ou guerreiro — vivo ou rapido.*

75% das meninas que responderam acham que o trecho é *religioso*.

50% o declaram *magestoso, grave e nobre*.

40% apenas o julgam *largo*.

E 25 creanças sublinham ao mesmo tempo esses 5 epithetos, o que constitue a melhor resposta.

E, pois, é boa no conjuncto. Ha alguns erros. Nenhuma acha que este hymno é *ligeiro* ou *familiar*, mas ha quem o ache ás vezes *guerreiro*, o que é accetivel, em rigor, ou *vivo*, o que é barrôco.

Por que se sublinhou tão pouco frequentemente o epitheto *largo*? Provavelmente porque elle não foi comprehendido. O que permite esta hypothese é que as alumnas do 3.º anno, mais esclarecidas, sublinharam este epitheto

com maior numero do que as alumnas do 2.º e do 1.º anno. Aliás, a palavra não é clara para o profano. Para o musico ella evoca uma amplitude do gesto naquelle que dirige a orchestra ou o côro, uma amplitude maior tambem nos movimentos do pendulo, do balancim, do metronomo. Para a creança o termo é abstracto.

3.ª pergunta: — *Que titulo se poderia dar a esta peça?*

Pergunta embaraçosa. Uma resposta em duas, apenas. As alumnas que attribuem a esta obra um caracter religioso, *propõem os titulos seguintes: cantico, canto do Natal, Gloria a Deus*. . . as que pensam num hymno guerreiro propõem: *honra á minha patria, côro dos guerreiros, gloria aos vencedores, hymno de gloria*. . .

Uma alumna, uma unica, pensa na natureza e dá este titulo: *canção do campo*.

E ha algumas respostas insignificantes.

4.ª pergunta: — *Quereriam vocês aprender este côro?*

— Sim, dizem os tres quartos.

As outras não atinam absolutamente, e duas alumnas não têm opinião.

5.ª pergunta: — *Em que circumstancias poderia ser elle executado?*

As respostas condizem com os titulos propostos, e dizem: para celebrar uma festa religiosa, solemne, para celebrar o Natal, em um convento, em uma igreja, e por occasião de uma victoria, em honra de uma grande personalidade. . .

Assim a solemnidade deste hymno é nitidamente reconhecida.

6.ª pergunta: *A que musica vocês o attribuem?*

23 creanças respondem. Ha 8 que nomeiam *Beethoven*. Não se pode dizer melhor; ou *Gounod* (3 alumnas), *Saint Saens* (2), *Schumann*, *Wagner*, *Chopin*, *Fauré*.

Attribue-se tambem — é lisonjeiro — ao *inspector do canto na escola* (não sou eu!).

7.ª pergunta: — *toca você algum instrumento? qual?*

Em 106 crianças 61 não tocam instrumento algum, 28 são pequenas pianistas, 26 aprendem violino, outra, o bandolim.

Ora, haverá alguma diferença entre as respostas ás perguntas precedentes conforme sejam essas respostas devidas a instrumentistas ou a não instrumentistas? Ahi é que reside o interesse da pergunta. De facto, assignalamos apenas uma diferença assás fraca no valor das respostas, com variação, todavia, das meninas que estudam a pratica de um instrumento.

Resumamos ainda esta segunda parte do nosso inquerito.

Este *hymno á natureza, de Beethoven*, desperta as mais das vezes o echo que convem. Através dos erros e das ignorancias, as respostas provam, além disso, os progressos alcançados pelas alumnas durante o curso escolar.

### III

Terceira prova: ainda vamos pedir a vocês que tomem parte. Vocês acharão, em folhas polycopiadas que lhes vão ser entregues, uma lista de quinze epithetos. Logo que hajam ouvido o primeiro disco, vocês indicarão com uma cruz, na columna n. 1, os epithetos que lhe convêm. Daremos a vocês os titulos, acabada a audição.

(Execução da *Marcha funebre da Symphonia Heroica*).

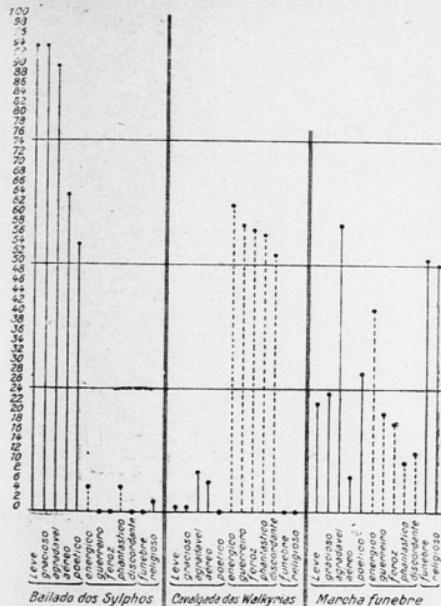
Vocês utilizarão a 2.<sup>a</sup> columna para o 2.<sup>o</sup> disco.

(Execução da *dansa dos sylphos, da Dannação de Fausto*).

Emfim, vocês porão cruzeiras na 3.<sup>a</sup> columna para este 3.<sup>o</sup> disco.

(Execução da *cavalgada das Walkyrias*).

Um graphico vos mostrará, melhor do que qualquer commentario, as respostas dadas pelas alumnas em seguida a cada uma dessas tres audições.



O baile dos Sylphos é collocado em primeiro lugar neste graphico, porque é elle que obtem as respostas mais nitidas.

Reconhece-se que é *poetico, aéreo e, sobretudo, ligeiro e gracioso*.

Agrada.

A frequencia das boas respostas indica até que ponto esta musica é apreciada pelas crianças, com certeza pela sua

graça, seus timbres tão agradáveis, embora os sons sejam sempre sustentados: seu caracter, apaziguante, e o seu abaixamento final.

É um sonho que transporta ás nuvens, entre seres phantasmagóricos, e pode agradar ás imaginações infantis.

A *Cavalgada das Walkyrias* é bem diferente. Qualificam-na: *guerreira, energica, feroz, phantastica e discordante*.

Assim não é mister dizer que as Walkyrias são guerreiras, de capacete, selvagens, que atravessam, em seus corseis, os relampagos, as nuvens, galopando, para levarem ao Walhalla os corpos dos guerreiros mortos em pleno combate... Não se sabe tudo isso, mas percebe-se tudo o que essa musica tem de barbaro, de exasperado, de rude.

A bella *Marcha Funebre*, de Beethoven, 2.º movimento da symphonia heroica, foi menos bem comprehendida. Apenas metade das alumnas declaram que ella é funebre.

Algumas vezes, acham-na apreciavel, sem duvida porque instrumentos pouco graves se fazem ouvir em algumas trechos.

E chega-se até a dizer: esse trecho é *gracioso e leve*.

O caracter heroico reponta, entretanto, em algumas alumnas:

Os epithetos que precedem são os que, para um ou outros dos trechos, obtiveram 50% dos suffragios.

Tres epithetos embarçaram ás creanças: outro graphico vos diz, seu emprego (épico, pomposo, dramatico).

Si se refere ao seu emprego um ou outro dos tres trechos, vê-se que elle concorda muito bem com o caracter: o uso desses epithetos é excepcional para o baile dos Sylphos; a *Marcha funebre* é julgada pomposa, com uma frequencia toda particular. Não é, pois, todo mau no conjuncto, e é muito rara que se hajam commettido erros graves...

#### IV

Não falta mais ao nosso inquerito senão uma parte concernente ás conclusões individuaes, a que elle permite chegar para certas creanças.

Si as estatisticas nos mostram que a media das alumnas tem um sentimento musical sufficiente, o estudo das unidades nos sublima *dons* ás *vezes notaveis*, e tambem *insufficiencias*.

Não temos que declinar nomes.

Assignalemos que *uma duzia* de meninas — pertencendo a uma ou outra das quatro classes — parecem actualmente incapazes de apreciar os trechos ouvidos, pois que o numero dos bons epithetos, empregados para o conjuncto dos cinco trechos, não attinge, entre ellas, a um quatro, no maximo.

Pelo contrario, uma *vintena* de meninas acham, na maioria dos casos, justo o epitheto.

E, pois, perguntamos a nós mesmos si havia qualquer relação entre esses resultados e o valor dessas alumnas, verificada pelo professor especial de canto:

1.º — Entre as más alumnas de musica nenhuma pôde apreciar convenientemente as peças.

2.º — Quanto ás alumnas, que o professor especial reconhece attentas e applicadas, são precisamente aquellas que sabem dizer o caracter das obras.

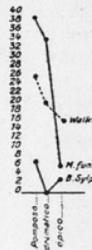
Entretanto, algumas alumnas medianas souberam dar boas respostas, e aconteceu tambem que alumnas excellentes commetteram erros grosseiros.

A que attribuir essas excepções? Provavelmente a muitas razões. Eis aqui algumas dellas:

Ha alumnas dotadas musicalmente, que estão atrasadas nos seus estudos musicaes e que podem revelar-se musicistas quando se trata apenas de apreciar uma peça.

Ha alumnas intelligentissimas que, embora fracas em musica, descobrem mais de pressa as intenções dos compositores, as razões de tal descripção musical, e que comprehendem melhor o questionario e o sentido dos epithetos.

Ha, pelo contrario, alumnas musicistas que carecem de imaginação e sabem melhor ler a musica do que analysá-la.



Emfim, o professor considera tambem como boas alumnas aquellas cuja voz é agradável e firme, e entretanto o nosso inquerito não leva em conta nenhuma qualidade vocal.

Possuimos, por outra parte, uma apreciação do valor das alumnas e pudemos, pois, verificar que a intelligencia desempenha um grande papel, e que a intelligencia musical se encontra não raro com a intelligencia propriamente dita.

Paramos ahí. (1).

Tentaremos saber, de outra feita, qual é a impressão causada pela audição de obras commentadas, apresentadas nas suas grandes linhas, quer em pormenor: e isto poderá, sem duvida, militar a favor da apresentação das obras-primas da musica nas escolas e até mesmo nas chamadas escolas primarias.

(1) — M. Anfroy, director da escola da rua Petits-Camps, tinha querido muito proseguir com suas alumnas numa experiencia semelhante: a percentagem de boas respostas é um pouco superior nos meninos, mas a distribuição dos epithetos é curiosamente analogo ao que ella é entre as meninas: a *Marcha funebre* foi tambem o trecho que provocou mais oscillação: os epithetos *épica, pomposa, dramatica* foram os menos empregados para qualificar as tres peças ouvidas.

M. CHEVAIS

AS COLLECÇÕES dos annos anteriores da "Revista do Ensino" são vendidas a 25\$000 cada uma. Pedidos á Direcção.

## Em prol da educação rural

Dr. Humberto BRUNO,

director do departamento de Produçção Vegetal do Ministerio da Agricultura — Conferencia realizada na Semana dos Clubs Agricolas Fluminenses

A educação rural que ora se esboça e que rapidamente se propaga pelo Brasil através de um plano educativo genuinamente brasileiro, posto em pratica pela S. A. A. T., representa um trabalho de illimitado alcance social, que bem merece dos poderes publicos una assistencia continua e bem orientada.

A nova geração, que vem surgindo, necessita ser devidamente orientada e sufficientemente preparada no sentido de poder agir acertadamente nas deliberações de amanhã, realizando aquillo que a geração actual, embora possuida do maior desejo de bem servir á causa social, economica e politica de nossa nacionalidade, não pôde realizar, por circumstancias varias do momento.

A creança constitue, para mim, e para todos aquelles que acreditam nos prodigios da educação, um thesouro inestimavel de possibilidades vastissimas, que muito merece uma cuidadosa assistencia revelada por uma dedicação sem limites, cheia de desprendimento e de salutar patriotismo.

Instruir e educar ao mesmo tempo constitue tarefa de execução immediata, dado o indiscutivel valor de semelhante orientação; é necessario, porém, agir com criterio, pois si o homem, no campo intellectual, é obrigado a seguir rumos diversos, de accordo com o ambiente em que vae actuar, no campo educacional, o homem deverá ser obrigado a seguir um unico rumo previa e cuidadosamente traçado, por onde

lhe seja possível consolidar uma mentalidade própria que lhe permita uma ajustada collaboration em todos os sectores, pelo ideal commum de bem servir á Patria.

Dahi, a grande somma de responsabilidade que pesa sobre os educadores, e, dahi, minha grande admiração por essa "élite" privilegiada, digna de todo o amparo.

Atravessam os diversos povos periodos alarmanes no dominio da economia publica e o Brasil, talvez por um lamentavel reflexo, soffre, no mesmo dominio, identica afflictção. Qual deverá ser, pois, a directriz a ser traçada para essa geração que se forma? Qual deverá ser a mentalidade a predominar nos actos futuros dessa mesma geração?

Si attentarmos a innumeradas possibilidades de desenvolvimento, que a cada passo deparamos nos diversos ramos economicos brasileiros, sem duvida outro rumo não poderemos traçar que não o de trabalho productivo. O brasileiro necessita trabalhar e produzir, dentro da mais perfeita organização possível, baseada nos principios solidos da melhor disciplina.

Sem disciplina e organização tudo falha e por isso os bellos planos que habitualmente traçamos, patenteando largas visões politicas de salvação, não passam do campo puramente theorico e permanecem adormecidos nas gavetas dos "bureaux" de gabinetes, onde adoram e se estiolam as mais lucidas intelligencias nacionaes.

Si attentarmos ao facto de que a independencia economica de um povo reside indiscutivelmente na exploração racional da terra, sem o que não poderá haver segurança nacional que acautele seus interesses durante qualquer emergencia de natureza afflictiva, sem duvida a mentalidade que deverá predominar como caracteristica da geração futura, deverá ser a mentalidade rural que obrigue os homens dirigentes de amanhã a concentrarem esforços e a se desdobram em actividades no sentido de tirar da terra o maximo proveito possível, ou, pelo menos, o necessario para a garantia da nossa nacionalidade.

No campo economico, constituimos um paiz-colonia, cabendo á geração futura tornal-o independente.

A escola rural representa a cellula "mater" dessa educação e como tal deverá agir com criterio e segurança, devidamente assistida por todos os bons brasileiros.

A escola rural encerra o material precioso de que se comporá a futura nacionalidade brasileira e a ella cabe cuidar com carinho desse material humano, caldeando-o pouco pouco para maior segurança, imprimindo-lhe directrizes novas de accordo com o futuro a que aspiramos.

E' necessario que a professora aponte á creança o caminho do trabalho, trabalhando, e crie essa mentalidade rural que achamos deva prevalecer, no futuro, prendendo-lhe a attenção nas praticas agricolas que tanto atraem e tanto prazer causam ao espirito irrequieto da creança sadia.

Dentro desse espirito educacional é necessario imprimir ao ensino uma forma objectiva eminentemente pratica, de maneira a impressionar o espirito da creança, fixando-lhe no cerebro irrequieto as noções mais importantes do trabalho rural. Dessa forma, taes noções permanecerão occultas no subconsciente da creança e, amadurecidas pelo passar do tempo, evidenciar-se-ão no futuro, expontaneamente, caracterizando-se então a mentalidade prevista.

E' para esse ensino objectivo que desejo chamar a attenção dos senhores professores, exemplificando-o com um dos mais attraentes dentre os varios ramos da nossa agricultura, o que mais conheço por dever do officio: "A Horticulura".

Como é meu desejo fugir á prelecção habitual, estabeleci uma norma de ensino que, a meu ver, possa servir de orientação ás senhoras professoras.

Como introdução ao estudo desse ramo agricola, a professora deverá chamar em primeiro logar a attenção de seus alumnos para a importancia que as plantas horticolas têm na alimentação.

1.º — Porque mineralizam o organismo.

2.º — Porque facilitam o metabolismo alimentar atra-

vés de uma série grande de vitaminas úteis á preservação da saúde, quando ingeridas na fórmula natural.

Estas primeiras noções deverão ser transmittidas á creança por uma fórmula impressionante e de tal modo que ao regressarem aos lares reclamem de seus paes, immediatamente, o fornecimento de algumas fructas ou de um prato de legumes, na primeira refeição.

Chamar-se-lhe-á a attenção para a degenerencia dos tecidos, provocada pela vitaminose, que tira o encanto das creanças e tanto entristece o coração dos paes; e que bastam algumas colheres de caldo de laranças ou de caldo de tomate, ingerida normalmente, para provocar a cura rápida restabelecendo a saúde e alegrando os lares.

Despertando dessa fórmula o interesse pelo assumpto, iniciará a professora o trabalho pratico objectivo pelo preparo do primeiro canteiro, onde realizará a primeira sementeira.

Nesse trabalho pratico a professora salientará:

1.º — Que a terra deverá ser rica de materias organicas (estercos) para que as plantas, inicialmente, se nutram bem.

2.º — Que a terra deverá ser porosa e fôfa para que as raizes cresçam rapidamente e se aprofundem, e para que a agua das regas se infiltrem rapidamente.

Estas duas noções gravadas no espirito da creança, representam fundamentalmente a base agricola em geral. O de futuro servirão para o implante facil da racionalização do trabalho rural, o que não se consegue, hoje, senão, através um grande esforço e longas e dispendiosas demonstrações.

Terminando esse trabalho pratico que por algumas horas prendeu a attenção da creança, gastando-lhe alguma energia physica sob a fórmula de exercicio util, indubitavelmente notará a professora uma certa soffreguidão dos meninos, para que a obra continue e seu resultado appareça.

Adquirirá, então, a professora, as primeiras sementes das especies de evolução rapida, como por exemplo, o raba-

nete, a alfaca, a cenoura, a beterraba, a tomate, etc., e que podem ser cultivadas em qualquer época do anno, e ao apresental-as á creança, a professora chamar-lhe-á a attenção para o seguinte:

1.º — Côr e fórmula da semente, habituando-as a discriminal-a entre si pelo nome da hortaliça.

2.º — Qualidade da semente, mostrando, por um ensaio que realizará com os alumnos, que a melhor semente, embora custando mais caro, é a mais economica pelo maior numero de plantas que fornece e por provir das melhores plantas cultivadas.

3.º — A pureza da semente, com o que a professora salientará a idoneidade do seu productor ou vendedor, medindo-a através a percentagem de impurezas (paus, folhas e sementes extranhas) que encontrar.

E com isto, a creança grava o seguinte principio basico d alta relevancia: "A boa cultura é fructo da boa semente".

De nada valerão as boas praticas agricolas, os cuidados e a assistencia do lavrador, si não houver o emprego da boa semente, para garantia do bom producto.

Dirá a professora aos seus alumnos que as plantas estão sujeitas tambem, como o homem e os animais, a uma série de doenças que as enfraquecem e as impossibilitam de produzir sufficientemente e que as sementes oriundas de culturas mal cuidadas trazem sempre externamente, os germes prejudiciaes á saúde das plantinhas novas, determinando doenças graves de rapida disseminação num leito de sementeiras. Vem ahi a indispensavel pratica da desinfecção previa das sementes momentos antes de lançal-as á terra.

A professora mostrará aos alumnos como é feita a desinfecção, mergulhando, por algum tempo, segundo os casos, um saquinho de panno contendo as sementes numa pequena vasilha com uma solução de sublimado corrosivo a 1 por 1.000, não se esquecendo de impressionar a creança sobre os perigos do sublimado, por ser veneno, guardando o deposito

logo após a desinfecção, num pequeno armario, fechando-o a chave.

Seccas as sementes, nunca ao sol, e sim á sombra, realizardá a professora a sementeira, traçando sobre a superficie do canteiro, de 10 em 10 centimetros, uma série de pequenos sulcos, ao longo dos quaes, e á profundidade maxima de 1 centimetro, lançará as sementes.

No acto da sementeira, a professora salientará:

1.º — A boa distribuição da semente, evitando as prejudiciaes aglomerações das futuras plantinhas.

2.º — A importancia da cobertura em relação ao tamanho da semente, afim de facilitar a sahida do caulico, durante a germinação.

3.º — A necessidade da agua, para que se inicie a germinação.

4.º — A necessidade da meia sombra para que o sol não roube a agua fornecida diariamente.

Recommendará a professora, terminando o trabalho, o necessario cuidado nos dias que se seguirem, para que não falte á terra a humidade indispensavel, habituando a creança a ter cuidado com o que executa.

As hortaliças, na sua primeira phase de crescimento, são extremamente delicadas, e, por isso, exigem delicadezas no trato e continua assistencia.

O apparecimento das plantinhas logo após a germinação, constitue motivo de intensa alegria para a creança.

Cabe á professora aproveitar este estado d'alma no sentido de aguçar o espirito de observação, perguntando á creança:

1.º — Si as pequenas mudas, no tamanho, são todas eguaes.

2.º — Si ha, entre ellas, algumas com signaes de doença.

E feitas as observações, eliminará as rachiticas e doentes, si existirem, gravando, assim, na creança, o relevante principio de selecção.

Si se tratar de especie horticola de cyclo curto, como por exemplo o rabanete e a cenoura, cuja colheita se faz, respectivamente, 20 e 90 dias após a sementeira, a creança aprenderá a pratica do desbaste para reduzir ou eliminar o prejuizo da concorrancia.

Para as especies de cyclo mais longo, como o tomateiro, e que exigem cuidados na transplantação, far-se-á a repicagem, removendo as mudazinhas para outro leito ou para pequeninos potes, onde continuarão a receber os mesmos cuidados e atenções até a época do plantio definitivo em canteiros mais amplos, adrede preparados.

Esse plantio se fará quando as mudas possuirem 4 a 5 folhas, sendo indispensavel o maximo cuidado nessa operação, para que não se desloque a terra das raizes.

Iniciam-se nessa época os verdadeiros tratos culturaes, apprendendo a creança a fazer uso de toda a alfaia horticola, escolhendo a ferramenta ou utensilios proprios para cada operação. E a creança realizardá:

1.º — A destruição da vegetação espontanea para que não roube alimentos do solo.

2.º — A escarificação da terra para que o ar circule e as aguas se infiltrem.

3.º — A cata e destruição de insectos nocivos que possam prejudicar a produção.

4.º — As irrigações, sempre que necessarias.

5.º — As pulverizações contra doenças.

6.º — As pódas e limpeza de cada planta.

7.º — A escolha das melhores plantas destinadas á produção de sementes.

E tudo isto com carinho, visando a defesa da planta no intuito de obter o maximo rendimento de um producto de primeira qualidade.

E a professora vae então preparando o espirito da creança para a colheita que se approxima, despertando-lhe o interesse para o fructo do esforço que applicou num trabalho intelligente, de utilidade collectiva.

Na época própria, a colheita então se iniciará nesse ambiente festivo que a contaminante alegria das creanças sabe preparar, esforçando-se a professora para gravar no espirito da creança:

- 1.º — O cuidado para não ferir ou contundir as raízes, as folhas ou fructos colhidos.
- 2.º — A limpeza do producto.
- 3.º — A escolha dos productos, classificando-os pelo tamanho, côr, qualidade, em productos de 1.ª, de 2.ª, e de refugo.
- 4.º — O bom acondicionamento nos vasilhames próprios para a remessa do producto ao mercado mais proximo.

E com taes noções a creança grava a idéa da padronização, e verificará a importancia desse principio de economia agricola, ao computar os preços alcançados na venda dos productos.

Eis, em resumo, um plano de trabalho, que acabamos de expor tão sómente como exemplo.

Não faltarão, por certo, aos professores desses diversos grupos capacidade para elaborar e desenvolver programmas e sobretudo boa vontade para executal-os.

E' com esta pleiade de educadores bem intencionados que contamos para o desenvolvimento, cada vez maior, desses nucleos de educação rural, pedras angulares em que se firmará a Nacionalidade Brasileira.

HUMBERTO BRUNO

#### CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

##### MAU NEGOCIO

*Em clima como o nosso, devemos evitar o abuso do sal, das gorduras, dos condimentos, dos alimentos pesados e tambem das conservas — foie gras, caviar, salame, presunto, sardinhas — que, além de serem de difficil digestão, custam mais caro que os alimentos frescos.*

## Exercicios escolares

*Nesta secção a "Revista do Ensino publicad trabalhos das alumnas que concluem o seu curso normal (monographias, descrições, theses, estudos, etc.), desde que estejam de accordo com o programma desta publicação e venham com o "visto" do professor de Methodologia e do Director do estabelecimento em que foram apresentados.*

#### METHODOLOGIA DA ESCRIPTA E ORTHOGRAPHIA

(Monographia apresentada á Escola Normal de Rio Preto, em dezembro de 1934)

ROSA BRUNO

A creança muito gosta de rabiscar. Antes mesmo de entrar para a escola, já é, para ella, um prazer rabiscar com o lapis, desenhar. Dada essa inclinação da creança, não é coisa difficil o ensino da escripta.

Bella escripta, ou calligraphia, é a arte de traçar de modo comprehensivel e agradável á vista os caractéres que devem representar os pensamentos. Desta definição, concluímos que "a escripta é a arte de representar os pensamentos, por meio de signaes convencionaes".

#### *Psychophysiology da escripta*

A escripta é uma arte muito complexa, que requer a intervenção dos olhos, dos ouvidos e dos musculos dos braços e dos dedos.

Os olhos não intervêm na coordenação dos movimentos musculares, porém, separam as palavras e as letras, guardam a symetria, a direcção e o tamanho dos signaes.

É necessário que o alumno possua *bom ouvido* para não trocar as letras.

*Músculos dos braços e dos dedos.* É necessário que os alumnos façam muito exercicio para que escrevam correctamente e correntemente.

A lei do exercicio é tão velha quanto a escola. Onde houve mestre houve exercicio e repitição. "Repetitio mater studiorum", diziam os romanos.

Toda gente o sabe. Para se adquirir um determinado conhecimento, ás vezes, basta um só acto; mas, quasi sempre, são necessarios muitos actos. Ha necessidade de uma serie de exercicios. Isto pertence ao senso commum.

Muitas pessoas já realizaram experiencias que provaram o valor do exercicio, da repetição.

Todo estudo reclama a reflexão, o repasso, a repetição, devendo condemnar-se, como refractaria ao adiantamento dos alumnos, a pressa em vencer de prompto a materia do programma.

O professor deve exercitar o menino a reproduzir os conhecimentos anteriores. *Em cada lição se offerece ensejo de fazer referencias ás passadas.*

A habilidade de escrever varia muito de creança a creança, e muito depende da capacidade de adquirir habitos de movimento voluntario.

A idade e o grau de maturidade são factores que influem na perfeição da creança; portanto, á medida que a creança vae adquirindo essa maturidade, isto é, consegue *firmar a coordenação dos músculos da mão e do braço*, vae melhorando e augmentando a capacidade de escrever.

Neumann distingue tres etapas successivas no progresso da escripta infantil: a do contról visual, em que os movimentos são guiados pela vista do menino; a do contról quinesthico, em que o sentido muscular se incumbem da ordenação e do governo dos movimentos; e, por ultimo, a etapa automatica, ou da escripta rapida, convertida em habito.

Ha 3 typos de escripta, perfectamente caracterizados: 1.º) o typo masculino, em que a pressão é forte e os traços energicos; 2.º) o typo feminino, com a pressão menos forte e os traços inseguros; 3.º) o typo infantil com a pressão muito variavel e as letras sem aspectos definitivos.

#### *Objectivos de seu ensino*

1.º) A escripta desenvolve na creança a habilidade sufficiente para torna-la capaz de escrever com facilidade, rapidez e legibilidade, enfrentando as necessidades da vida social;

2.º) dota a creança de metodo de trabalho, que lhe permita usar a escripta intelligentemente;

3.º) assegura, na creança, o habito de dar boa disposição a todo o trabalho escripto (asseio, capricho, bom typo de letra, etc.).

#### *Vantagens da calligraphia*

A escripta desenvolve o gosto esthetico, o sentido da visão; faz appello á imaginação, á attenção; dá habilidade aos dedos; enfim, põe em acção grande numero de faculdades.

É immensa a importancia da escripta como *meio de correspondencia*. É quasi que exclusivamente por meio della que nos relacionamos com os ausentes.

Como o desenho, ella é um *meio de expressão*. Anibal Mattos comparou as manifestações da escripta com as do desenho, mostrando que, em ambas, se encontram as ingenuidades e os defeitos communs á mentalidade infantil.

É *um meio de cultura intellectual*, porque, por meio della, apprendemos muita cousa, e é, além disso, uma poderosa auxiliar da vida pratica.

Sua utilidade é universal. Até mesmo o mais humilde e modesto operario tem necessidade da escripta.

Sabemos, por experiencia, que expressar um pensamento por escripto, exige muito mais esforço intellectual que

expandil-o oralmente, por meio de palavras. A escripta requer uma forma muito mais elegante, caprichosa e correcta.

#### *Methodos de ensino*

*"A escripta elementar é ensinada simultaneamente com a leitura e por um mesmo methodo"*.

Toledo, em um de seus livros — "A Escola Brasileira", — diz que o ensino da escripta, iniciado logo com o da leitura, apresenta a séria difficuldade de confundir o alumno. Hoje, porém, temos prova de que, ensinando-se ás creanças estas disciplinas parallelamente, o ensino de uma auxiliará o ensino da outra: os alumnos copiarão as phrases já lidas e familiares a elles.

A leitura, como já sabemos, deve ser ensinada pelos dois typos de letra: manuscrito e impresso. Assim, em duplicata, as sentenças favorecem ás creanças o ensejo de se familiarizarem, sem nenhum esforço, com os dois typos de letra, ao mesmo tempo. Essas sentenças serão escriptas em tiras de cartolina, pregadas sob os desenhos correspondentes.

*"O methodo preconizado e adoptado actualmente, no nosso Estado, no ensino da escripta, é o que ensina a creança a escrever desde o 1.º anno, desde o principio da aprendizagem, phrases e palavras, e não letras."*

*Si se ensinasse a escripta por meio das letras, e não por meio das phrases e palavras, o seu ensino estaria em patente conflicto com o da leitura.*

*Ensinamos a leitura pelo methodo global, porque as letras não têm ainda significação para a creança; são elementos abstractos.*

*Ora, como pretender que as creanças entendam os significados das letras, que por ventura estejam desenhando??*

*Para o ensino da escripta, temos dois methodos: o synthetico e o analytic. A combinação dos dois nos dá o methodo mixto.*

Ensinando-se primeiro as phrases e as palavras, o me-

thodo é analytic. Neste methodo, depois que a creança souber escrever a phrase, nos esforçamos para que ella desenhe com perfeição as letras.

Ensinando-se a escripta, e partindo-se das letras e das syllabas do alphabeto, é o methodo synthetico. *Este é mau, desaconselhado, antipedagogico.* Ainda hoje, infelizmente muitos são os seus partidarios.

Decroly e outros pedagogos affirmam, acertadamente, que a memoria da creança é globalizante: ella vê o todo e não vê as partes; logo devemos, como manda a lei do apprendizado, *ir do todo ás partes, do que a creança vê ao que ella não vê, do proximo ao longinquo, do simples ao composto, do facil ao difficil, do concreto ao abstracto.*

*E' grave erro começar a educação da mão da creança pelo desenho calligraphico.*

Para Pestalozzi, *"o desenho elementar deve preceder o ensino da leitura e escripta, porque é mais facil guiar a mão das creanças em seus desenhos, em seus rabiscos, do que em letras, que são coisas abstractas para ellas.* Em conclusão, a principio a creança desenhará sómente, fará desenhos espontaneos, porque o que nos interessa é que ella adquira a *coordenação muscular, a educação motriz.*

Em consequencia, á falta da educação motriz, os primeiros traços são grosseiros, pesados, executados com todo o braço.

*O ideal será que a professora apresente cada palavra com o objecto presente, ou o desenho referente a este objecto. Adopta-se, pois, o "methodo intuitivo, acompanhando o ensino global da leitura"*.

#### *Processos de ensino*

Segundo notavel pedagogo, são 3 os processos de ensino, na escripta: 1.º o debuxo; 2.º) os cadernos preparados; 3.º) a imitação de modelos.

O debuxo é positivamente máu, porque supprime todo o esforço do alumno; não tem nenhum valor pedagogico.

Os cadernos preparados não são bons, são desaconselhados, porque privam os alumnos da acção do mestre. O alumno precisa não sómente de ter deante de si o modelo, mas tambem necessita de vêr *como* fazer.

O processo de imitação de modelo é o melhor.

*Mínimo que se deve alcançar no fim de cada anno*

No fim do 1.º anno, as creanças devem saber escrever as letras maiúsculas e minúsculas, ter letra legível, embora sem perfeição. No fim do 2.º anno, a letra do tamanho quasi normal, fórma e proporção mais perfeitas, sem, comtudo, ser o que se possa considerar uma boa letra.

No 3.º anno, letra normal, melhor proporção, talhe e fórma. Finalmente, no fim do 4.º anno, a letra será nitida, bem proporcionada e normal.

#### *Typos de letra*

Patrascoiu considera anti-hygienica a letra inclinada, tambem chamada letra ingleza, porque, para executal-a, é preciso que se incline o caderno para a esquerda, o que traz graves consequencias: o hombro esquerdo se baixa, o corpo se inclina para a esquerda, a cabeça se inclina para o mesmo lado, afim de que a vista caia perpendicularmente sobre o papel. Essas posições são inconvenientes, porque podem causar a myopia e a escoliose. A myopia é provocada pelo esforço necessario da accommodação da vista, cuja distancia até o papel não é igual para os dois olhos.

Patrascoiu aconselha a escripta vertical, porque, para executal-a, o alumno conservará a mesma posição erecta que toma para a leitura, ficando livre das deformações physicas causadas pela má posição. Além disto, elle acha a letra vertical mais bonita, mais rapida, mais legível e homogenea, e, tambem, cansa menos o alumno.

*Não podemos, comtudo, a meu ver, impôr um typo de letra ás creanças; ellas adoptarão o typo que acharem melhor.*

Muitas vantagens, attribuidas á escripta vertical, não são exactas: *as creanças tomam posições defeituosas, não só para executarem a letra inclinada, mas tambem para fazerem a letra vertical.*

Muitas pessoas consideram mais bonita a letra inclinada; isto é uma questão de visão inteiramente subjectiva, e não se discute.

O typo de letra varia muito. No Uruguay, o typo de letra mais em voga é o inglez.

Na Belgica, é o typo vertical. Os belgas fizeram em prol deste typo de letra uma grande campanha.

#### *Letra ingleza*

Ha dois typos de letra ingleza: o cursivo e o puro. A letra ingleza cursiva ou corrente deriva-se da letra ingleza pura, com a differença de que soffreu algumas modificações, que a tornaram mais simples e ligeira.

Na letra pura ha uma certa uniformidade que não existe no typo cursivo.

A inclinação da letra corrente vae de 45 a 53 graus, e a da letra pura é de 30 graus.

Nesta, fazem-se muitos traços independentes, ao passo que, na outra, quasi que não se levanta do papel a penna ou o lapis, antes de terminar a palavra, para ganhar rapidez.

Os traços são mais ou menos unidos.

#### *Didactica*

A escripta, ao contrario do que ocorre com o desenho, não é em si mesma uma actividade interessante. Os meninos detestam-na, quando se reduz a um exercicio monotono e mecanico.

*Compete á professora despertar o interesse das creanças, dando-lhes, para que copiem, phrases tiradas dos jornaes infantis, ou fazendo da escripta um instrumento de communicação com as pessoas ausentes.* Então, o interesse pela

escripta brota espontaneamente na alma infantil. Mas, como chegar ali?

A melhor maneira de despertar, no espirito infantil, o interesse pela escripta, é combinal-a com outra aula de *actividade mais agradável*, como por exemplo os *jogos de leitura* e o *desenho*; ou idear jogos especiaes para o ensino da escripta; ou, finalmente, combinar os exercicios de desenho, de leitura e de escripta na mesma lição.

Estes exercicios não se devem prolongar por demasia do tempo, porque são fastidiosos.

Requerem precisão e exactidão, o que só se consegue á custa de um grande esforço de attenção, incompatível com a idade dos meninos.

#### *Posição de os alumnos se sentarem*

Segundo notavel pedagogio, "tambem a commodidade e a posição do corpo do alumno, durante a escripta, contribuem muito para despertar e sustentar o interesse dos alumnos por esta arte".

Posição aconselhada por Patrascoiu: o corpo do alumno deve estar em posição vertical, erecto sobre o banco, afim de evitar a curvatura da espinha dorsal. O peito junto á mesa, sem nella tocar. A cabeça ligeiramente inclinada para a frente, firme.

Os hombros deverão ficar numa posição horizontal, e o mesmo deve acontecer aos braços, que devem estar um pouco separados do corpo. As pernas, ou melhor, os joelhos dobrados quasi em angulo recto.

Os pés descansam em cheio sobre o chão. Desta ultima consideração, resulta a necessidade de ser a altura dos bancos proporcional á estatura dos meninos. Os ante-braços só terão a verdadeira posição, quando o direito apoiar 1/3 sobre a mesa e assim, tambem, o esquerdo. A mão esquerda firma e dirige o papel.

A parte superior da caneta poderá ficar collocada, ou entre a raiz da 1.ª articulação do indicador, ou abaixo da raiz do mesmo.

*Mas assim como não podemos impôr ás creanças um typo de letra, não podemos tambem determinar-lhes uma posição. "Os alumnos se apresentarão da maneira que acharem melhor, desde que não tomem uma posição prejudicial e inconveniente á saude".*

Apesar da liberdade de que goza o alumno neste ponto, acho que a sua posição, ao escrever, deve ser considerada cuidadosamente, porque uma posição defeituosa pôde trazer graves consequencias ao escolar.

*"Uma posição incommoda prejudica a vista e a saude do corpo, em geral".*

Algumas pessoas consideram errado e mau este processo de deixar que os alumnos escrevam do modo que melhor lhes parecer, e que, si o professor corrigisse as posições defeituosas de os alumnos se sentarem, exigindo-lhes o modo technico e hygienico de pegar a penna, obteria boa escripta, evitaria a escripta defeituosa, feia, aspera, desagradavel.

*Deve haver*, como já disse, *a adaptação das carteiras aos alumnos*. As carteiras devem ser individuaes (são mais hygienicas) ou duplas, isto é, com logares para dois alumnos. O assento não deve ser alto demais; sua altura deve corresponder á distancia que vae da planta dos pés aos joelhos.

A largura do banco (do encosto á borda livre) deve ser igual aos 2/3 da extensão da côxa. O encosto virá até ao meio das costas do alumno. A perpendicular, tirada da borda da mesa, deve cair sobre a borda do banco. Essa perpendicular deve ter o tamanho do ante-braço da creança. O banco de uma carteira não deve ser preso á mesa de outra, nem á mesa da carteira a que pertence. O banco, ainda, deve ser movel para facilitar o alumno, quando tiver este que ficar de pé. A mesa deve ser ligeiramente inclinada. Emfim, a creança sentada deve ter o cotovello mais ou menos á altura da mesa.

#### *Modos de ensino*

Modo de ensino é a maneira de transmittir os conhecimentos á creança, individual ou collectivamente. Temos o

modo simultaneo e o individual. Combinando-se os dois, temos o mixto.

Em outros paizes, existem ainda outros: mutuo e monitorial. Consiste em dividir a classe em diversas secções e confiar aos alumnos mais adelantados (monitores) o ensino dos mais atrasados. De quando em vez, fará o professor uma fiscalização nos trabalhos de seus auxiliares ou monitores. Isto é positivamente mau.

Na escripta adoptamos o modo mixto, *predominando o individual*: algumas explicações são dadas, em voz alta, a toda a classe; outras são dadas sómente a um ou outro alumno (depende muito da classe).

#### *Correcção da escripta*

A professora deve corrigir cuidadosamente, não só o formato das letras, mas tambem a orthographia. As correções devem ser feitas com letra clara, legivel, e, si houver abreviações, os alumnos deverão conhecê-las.

#### *Situações reaes que levam os alumnos a escrever, e seus valores*

A palavra mais moderna na escola é — motivar. Todo trabalho escolar deve ser *motivado*; isto é, para fazê-lo, devem os alumnos ter motivos reaes e fortes que os determinem a agir.

*A escripta deve ser feita em situações reaes; deve, pois, ser motivada.*

Desde as primeiras aulas, os alumnos são levados a externar o seu pensamento. Em 1.º lugar, o alumno desenha o que observou e o que viu. Depois, junta áquelle desenho uma phrase referente a elle. Ex.: si a creança desenhar umas fructas, poderá copiar a phrase: — "Gosto muito de fructas".

A principio, o alumno interpreta o que escreveu, por meio dos desenhos. Este methodo de ensinar a escrever de-

corre do methodo applicado no ensino da leitura e é chamado *ideo-visual*, porque a idéa está ligada ao symbolo da escripta, por intermedio da percepção visual.

São as necessidades da vida que levam os alumnos — compenetrados do valor da escripta — a escrever.

#### *Processo mental*

O mecanismo psychico da escripta requer a intervenção dos seguintes centros corticaes: o centro perceptivo da palavra ouvida, o centro da palavra lida, o centro motriz da escripta, que trabalha em combinação com os centros da consciencia.

Ha quatro casos possiveis de processo mental:

a) si a escripta é por dictado, as palavras penetram pela orelha, daí vão, pelo nervo auditivo centripeto, até o centro auditivo; do centro auditivo, a percepção auditiva vae adiante, por uma via sempre centripeta, até chegar ao centro da consciencia.

Conhecido o significado da palavra, na consciencia, a corrente nervosa volve, por uma via centrifuga, ao centro motriz da escripta, e, daí, por um nervo motriz, até á mão, onde provoca os movimentos necessarios para se effectuar a escripta;

b) si a escripta não é por dictado, e sim copia, o trajecto será *á vista*, ao centro da palavra lida, á consciencia, ao centro motriz da escripta e á mão;

c) si a escripta é espontanea ou composição, o trajecto é directamente centrifugo: da consciencia ao centro motriz e, em seguida, á mão;

d) si a escripta é copia de palavras desconhecidas do idioma natal, ou de outro estrangeiro, que o individuo ignora, o trajecto será: da vista ao centro da palavra lida, ao centro motriz e á mão, e si fôr dictado de palavras desconhecidas, será do ouvido ao centro auditivo, depois ao centro motriz e á mão.

*Orthographia*

Orthographia é a arte de escrever correctamente as palavras de uma lingua.

Segundo notavel opinião, "ella contribue para o aperfeiçoamento geral da lingua, facilitando a expressão exacta das idéas, por escripto".

A differença que ha entre orthographia e calligraphia, é a seguinte: *calligraphia é a arte de se escrever bonito, e orthographia é a arte de se escrever bem.*

A orthographia é um dos expoentes da cultura. Não ha duvida de que lhe devemos dedicar especial attenção. *Na escola ella deve ser ensinada com carinho:* é parte indispensavel na linguagem escripta.

O seu ensino deve marchar parallelamente ao da leitura, da grammatica, da linguagem e da escripta.

*Objectivos da orthographia*

- 1.º) — Expressar com precisão, por escripto, os proprios pensamentos.
- 2.º) — Compreender com exactidão as idéas escriptas por outrem.

*Factores que influem na escripta e na orthographia*

Temos varios factores que influem na escripta e na orthographia: a) a intelligencia; b) o meio; c) a idade; d) a percepção visual; e) a origem; f) o sexo; g) a percepção auditiva; h) a memoria; i) o estado physico.

A *intelligencia* é factor muito consideravel. A creança pouco intelligente não poderá escrever bem.

Um poeta disse: "A linguagem clara é o espelho de uma intelligencia lucida".

*Percepção auditiva e visual* — Os alumnos possuidores de má percepção auditiva ou visual, não podem escrever bem.

Verifica-se a boa ou má visão e audição, pela observação e *tests*.

O *test* é mais rapido, mais preciso, mais vantajoso, portanto.

A observação é muito demorada e os resultados não se approximam tanto da verdade.

Feita a verificação, a professora collocará nos primeiros logares os alumnos que ouvirem ou enxergarem menos.

*O meio influe poderosissimamente sobre as creanças* — As que moram em um meio culto têm mais facilidade em se expressar, em escrever, emfim, têm mais amplo campo de acção, ao passo que as que vivem em um meio diverso encontram grandes difficuldades.

*Edade* — Este factor tem grande influencia na escripta e na orthographia. Quanto mais edade, mais conhecimentos e experiencias. Assim, uma creança de 8 a 9 annos, por exemplo, escreve melhor que uma de 5, salvo raras excepções, consideradas — anormalidades.

*Memoria* — A creança que possui boa memoria tem mais facilidade em fixar os conhecimentos e escrever.

*Estado physico* — A creança doente é incapaz de compor, de redigir. *Mens sana in corpore sano*, (uma alma sã em um corpo são), diziam, acertadamente, os romanos.

*Sexo* — Muitas pessoas provam que as meninas são mais emotivas que os meninos, e têm, por isso, mais facilidade em compôr.

Numa experiencia feita na America do Norte, verificou-se que 45% das meninas escreviam melhor que os meninos.

*Origem* — A origem é um factor de accentuada importancia. A arvore boa só poderá dar bons fructos. Os filhos de paes intelligentes e cultos são geralmente intelligentes. Os filhos de paes estrangeiros têm a pronuncia diversa, articulam mal as palavras, o que difficulta a escripta.

Quanto á *adaptação* como factor de desenvolvimento, é indispensavel. *A escola deve ser absolutamente favoravel*

à vida infantil, na qual tenha a creança varias opportunidades de expandir a sua actividade, de falar espontaneamente, de pesquisar e tirar conclusões.

O ambiente escolar deve ter a apparencia de um laboratorio, de uma officina, onde tudo seja feito para o *alumno* e onde elle possa agir com naturalidade.

Neste caso, haverá todas as possibilidades para o desenvolvimento completo da creança que, na expressão de Dervev, deve ser "o principio, o meio e o fim de todo processo educativo".

O educador deve, então, conhecer os *alumnos physica, moral, psychica e socialmente*, porque a escola não é apenas um centro de cultura, mas, também, uma *agencia social*, para auxiliar a creança, que alli "*apprenderá a viver — vivendo*".

#### Methodos de ensino

Segundo um pedagogo, tres são os methodos especiaes para o ensino da orthographia: o *auditivo, o visual e o grammatical*.

O auditivo consiste em exigir que os *alumnos* conservem palavras ou phrases proferidas pelo professor.

Baseia-se, sobretudo, na memoria dos sons. O principal processo empregado neste methodo é o dictado:

a) a professora dicta phrases ou palavras para que os *alumnos* as escrevam em seus respectivos cadernos. Em seguida, fazem-se as correções necessarias;

b) a professora pronuncia certas palavras e manda que os *alumnos* as repitam. Depois, far-se-á a decomposição dessas palavras em syllabas. Neste momento, então, os *alumnos* as escreverão em seus cadernos, para lhes aprenderem a orthographia;

c) a professora mandará um *alumno* escrever no quadro negro, enquanto os outros escrevem nos cadernos, fazendo-se a correção depois de terminado o exercicio.

O *methodo visual* consiste em ensinar a orthographia pela copia.

Baseia-se, principalmente, na memoria da forma das palavras.

#### A copia prepara o dictado.

Principaes processos: a professora manda que os *alumnos* copiem um trecho para aprender a orthographia das palavras. Ou, então, ella escreve, ou manda escrever, no quadro negro, certas palavras que os *alumnos* copiarão. Ahi, ha a copia e a leitura.

Methodo grammatical — Consiste em ensinar a orthographia por meio da grammatica.

Ha dois processos: *ethnologico* e o *das regras grammaticaes*.

O *ethnologico* consiste em ensinar a orthographia de cada palavra, por meio de sua origem, ou sua raiz primitiva. "Por exemplo: a palavra *acto* escreve-se com *ct*, porque vem do latim "*actus*".

O processo das regras grammaticaes consiste em ensinar a orthographia, por meio da grammatica.

A professora enuncia a regra, pedindo depois exemplos, ou vice-versa: leva a classe de exemplo a exemplo, até que ella propria chegue á definição; isto é, adopta o methodo inductivo ou deductivo.

*Este ultimo é desaconselhado pela boa pedagogia contemporanea.*

O methodo grammatical, seguindo-se a deducção, foi aholido, mas póde-se adoptar o methodo grammatical, seguindo-se a inducção.

Patrascouin acha que "o methodo grammatical é o mais antigo e o menos acreditado".

Convém que a professora alterne, ensinando a scripta, ora pelo methodo visual, ora pelo auditivo, ora pelo grammatical.

Repto: Sempre que se empregar este ultimo, deve-se adoptar a inducção.

Segundo Carbonell e Migal, a orthographia é ensinada por imitação, e não por regras grammaticaeas. As creanças que recém-apprendem a ler, escrevem as palavras como ás vêem no livro; não seguem regras.

Quando lhes falta o modelo, guiam-se pelos ouvidos e começam os erros.

Por isto, aconselha-se para as creanças do primeiro anno muita copia, deixando o dictado para mais tarde.

Quando lemos, as palavras se nos fixam na retina e no cerebro; reconhecemos-as pela sua fôrma geral, antes que pela minudencia das letras. Ao escrever, recordamos os aspectos dos vocabulos e, pela fôrma insolita da palavra escripta, reconhecemos os erros, mais pela reflexão que pelas regras.

*O professor não deve nunca escrever, ou mandar escrever, as palavras erradas no quadro negro, para que estas não se fixem na memoria das creanças.*

#### *Como tornar interessante o ensino da orthographia*

O professor mandará que cada alumno, em casa, procure em livros, jornaes e revistas, palavras que apresentem difficuldades em se escrever, copiando-as em um pedaço de papel. Cada alumno apresenta 5 palavras.

O exito desse processo está tambem em as creanças agirem com attenção e espontaneidade.

Recolhidas todas as listas, o professor cancellará as palavras que achar em duplicata.

Depois, tratará do ensino da orthographia das restantes, pelo dictado.

Para se obter melhor resultado, deve-se fazer em aula o seguinte jogo: Divida-se o quadro negro em duas partes, por um traço vertical, e a classe em dois partidos: o dos meninos e o das meninas.

De um lado, irão escrevendo, um a um, os meninos, cada palavra que o professor fôr dictando, e do outro lado, as meninas, simultaneamente.

Cada palavra errada será um ponto de menos para o partido daquelle que a escreveu.

A attenção da classe, presa pelo successo, cada qual de seu partido, fará com que todos, sem sentir, se interessem por saber escrever acertadamente, para não perderem, e estarão attentos aos erros que, por ventura, forem commettidos.

Todas as palavras ficarão gravadas na memoria de todos.

De vez em quando, o professor irá pedindo outras palavras.

#### *Causas dos erros de orthographia*

Os erros de orthographia, quando não são provenientes do cansaço, como acontece geralmente, têm outras causas, assim como o lapso, a má percepção auditiva ou visual e doenças.

Para evitar o lapso, dará a professora aos alumnos varios exercicios de attenção.

Para afastar a hypothese de defeito da percepção auditiva ou visual, ella pronunciará claramente as palavras, ou as escreverá nitidamente, em caracteres legiveis.

Si, apesar desse cuidado, houver ainda alumnos que se enganem, é quasi provavel a existencia de um caso pathologico, sendo, então, necessaria a intervenção do medico.

A causa dos erros pôde ser ainda a linguagem defeituosa, falada ou ouvida em casa.

Em taes situações, a professora terá que levar a sua acção á casa e á familia do alumno: a escola quer a collaboração da familia.

#### *Bases para o ensino da orthographia*

Segundo notavel autor, vamos considerar dois pontos basicos para o ensino da orthographia: a apresentação e a repetição".

Exemplificação: O dictado será *motivado*.

Na apresentação, a professora escolherá, entre os trechos do dictado, as palavras mais difíceis, escrevendo-as no quadro negro e explicando cuidadosamente a sua orthographia. Mandará que os alumnos pronunciem e copiem estas palavras.

O alumno forçosamente aprenderá a orthographia, porque entram em jogo todas as memorias: a memoria auditiva das palavras ouvidas, a memoria visual das palavras lidas, a memoria pela dicção das palavras, a memoria graphica das palavras escriptas.

Devemos usar tanto quanto possivel todas as memorias. "*Um texto será melhor conservado, si se puzerem em jogo todas as memorias*".

*A repetição deve ser feita por meio de exercicios que interessem ás creanças: jogos, concursos, phrases interessantes.*

#### Correcção

Quanto á correcção dos erros orthographicos, temos varios processos.

A professora recolherá os cadernos, passará um traço sob as palavras erradas, entregal-os-á novamente ás creanças, para que ellas escrevam olhando no livro a mesma palavra, com acerto.

Depois, os alumnos escreverão em caderno especial as palavras que erraram.

Decorrido algum tempo, a professora voltará a dictar um trecho em que sejam postas em circulação laes palavras.

Si os alumnos reincidirem nos erros, explicar-se-á novamente a graphia das palavras.

Quando a creança errar demais, a professora deverá explorar a sua capacidade visual e auditiva.

A propria classe poderá corrigir os erros orthographicos, com o auxilio da professora, que a fiscalizará. Si os alumnos sentirem muita difficuldade, a professora os auxiliará.

Sendo a classe heterogenea, os alumnos mais adiantados poderão auxiliar a professora na correcção dos exercicios dos alumnos mais atrasados, mas a professora passará, de vez em quando, uma fiscalização na correcção dos mais adiantados.

Ha creanças que não gostam de escrever.

Estas merecem um cuidado especial da professora.

Rosa BRUNO

— : —

OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO DO ESTADO, (GRUPOS ESCOLARES, ESCOLAS REUNIDAS, ESCOLAS NORMAES E GYMNASIOS OFFICIAES) QUE NÃO ESTIVEREM RECEBENDO A "REVISTA DO ENSINO" COM REGULARIDADE DEVEM DIRIGIR SUAS RECLAMAÇÕES A ESTA REDACÇÃO, NA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO  
E SAUDE PUBLICA

# Protecção interamericana á propriedade intellectual

(Comunicado da Directoria Geral de Informaçoes, Estatística e Divulgação, do Ministerio da Educação e Saúde Pública)

Entre os assumptos de que se occupou a Setima Conferencia Internacional Americana, reunida em Montevideo em fins de 1933, foi objecto de estudo o problema da universalização dos preceitos internacionais que regulam a protecção ás obras litterarias e artisticas e obedecem, no regimen actual, a dois sistemas, o da Convenção de Berna, adoptado pela maioria de paizes europeus, e o da Convenção de Havana que constitue um estatuto americano a que não podem acceder os paizes do velho mundo.

Essa duplicidade de sistemas resulta num inconveniente cuja percepção levou a delegação brasileira á Conferencia de Roma a formular um voto tendente á aproximação das duas convenções que congregam em conjunto mais de 60 paizes, dos quaes apenas um — o Brasil — figura como signatario dos dois textos.

A Conferencia revisora do estatuto de Berna, reunida em 1928 na cidade eterna, approvou unanimemente o voto dos delegados brasileiros Drs. Pessoa de Queiroz

e Fonseca Hermes e, mais tarde a Sociedade das Nações recommendou ao respectivo Conselho que procedesse, por intermedio dos seus orgãos competentes, aos estudos e consultas preliminares a um opportuno entendimento a bem da unificação internacional das leis e medidas que visam proteger as criações do espirito.

Dahi não só a actividade que vem desenvolvendo o Instituto Internacional de Cooperação Intellectual no sentido de facilitar a conciliação desejada, tendo em vista a reunião de uma nova conferencia a realizar-se futuramente em Bruxellas para rever os textos approvados pelas conferencias europeas, como o interesse geral despertado pela Conferencia de Montevideo que devia traduzir nas suas decisões o ponto de vista americano.

Este se concretizou no resolução VII, approvada em 16 de dezembro, que determinou a criação de uma comissão internacional incumbida de elaborar um ante-projecto de Convenção no qual terá que harmonizar as suas

propias conclusões, com os preceitos que regulam a materia nos estatutos de Berna e de Roma, respeitdos os principios enumerados explicitamente no item 4.º da resolução citada.

Os principios indicados estabelecem o reconhecimento e a protecção dos direitos de propriedade litteraria e artistica de accordo com a legislação interna de cada paiz e com os convenios internacionais celebrados por esses Estados; definem e fixam a comprehensão dos direitos de propriedade de uma obra litteraria ou artistica, propriedade que implica no direito exclusivo de dispor da obra, de publical-a, de alienal-a, de traduzil-a, ou de autorizar a sua tradução ou reprodução quer total, quer parcialmente; outorgam aos autores o direito exclusivo de consentir na reprodução, adaptação e apresentação publica de suas obras por meio da cinematographia e, sem prejuizo dos direitos do auctor da obra original, asseguram tambem a protecção da reprodução cinematographica das obras litterarias ou artisticas; garantem aos auctores de obras litterarias e musicaes o direito exclusivo de autorizar a adaptação de aas obras e instrumentos que sirvam para reproduzil-as mechanicamente; determinam a protecção das traduções licitas como obras originaes, não podendo os auctores dessas traduções oppor-se á publicação de outras versões das mesmas obras; definem o conceito de auctor para os effeitos da protecção legal; estattem que a duração da protecção seja regulamentada pela lei do paiz onde se solicitar aquelle amparo, não podendo ser menor do que a duração fixada pelo paiz de origem da obra; definem o conceito de paiz de origem; permitem, sem prejuizo do que disponham a respeito as leis internas de cada

Estado, a publicação na imprensa periodica, sem necessidade de autorização alguma, de discursos pronunciados ou lidos em assembleia deliberativa, perante os tribunales de justiça ou nas reuniões publicas ou culturais, assim como fragmentos de publicações litterarias e scientificas, sempre que se faça constar o nome do auctor e o dos seus editores; permitem a livre reprodução de fragmentos de obras litterarias ou artisticas em publicações destinadas ao ensino ou para anthologias; conferem ao auctor que haja cessão plena de seus direitos, o direito inalienavel de oppor-se a toda deformação, mutilação ou outra modificação prejudicial á sua honra ou á sua reputação; reservam a cada governo a liberdade de permitir, fiscalizar ou prohibir a circulação, a representação ou a exposição de obras ou produções a respeito das quaes caiba exercer vigilância ás autoridades competentes.

Como se vê, a Comissão de Protecção Interamericana de Propriedade Intellectual, de que faz parte, como Delegado do Brasil, o nosso Embaixador em Montevideo, achase investida de importantissima tarefa a que não devem ficar indifferentes as nossas instituições culturais que, como a Academia Brasileira de Letras, a Associação Brasileira de Imprensa, a Sociedade de Auctores Theatraes e outras organizações que congregam os nossos escriptores e artistas, tem um interesse evidente na protecção dos direitos auctoriaes.

Seria util q' e essas agremiações cooperassem com os trabalhos da Comissão Internacional por meio de suggestões e pareceres encaminhados a este Ministerio ou ao uas Relações Exteriores.

Traductor publico juramentado

*Prof. Wolfgang Apfel*

Encarrega-se, mediante preços previamente combinados, da tradução de livros, artigos, documentos, etc., — em francez, inglez e allemão.

Rua Carijós n. 108 -- C. Postal n. 576  
Tel. n. 4028 -- **Bello Horizonte**

ASSIGNATURA DA "REVISTA"

Anno . . . . . 24\$000

Semestre . . . . . 12\$000

*Numero avulso, 2\$000*

*Collecção de um anno. . 25\$000*

*Os pedidos devem ser enviados á Directoria da "Revista do Ensino", na Secretaria da Educação e Saude Publica, Bello Horizonte.*

Origem: Doação

**ESCRITORIO DE PROCURATORIOS**

**DE**

**Argêntino Paulo Guilherme e Affonso Ferreira Paulino**

**brasileiros, casados, residentes na Capital**

**ANNEXO A CASA BANCARIA Dr. Antonio Ferreira Paulino**

Extracção de títulos. Remoções. Licenças. Férias especiaes. Certidões. Aposentadorias. Adicionaes sobre vencimentos. Gratificações regulamentares. Material escolar. Matrícula na Escola de Aperfeiçoamento. Diarias. Previdência dos Servidores do Estado, a saber, inscrição na Sociedade; resgate e adeantamento, sem juros, de empréstimos da mesma.

Quaesquer serviços perante as repartições publicas

Rua Rio Grande do Norte, n. 641 -- Tel. 3030

**C A P I T A L**

**ESCRITORIO DE ADVOCACIA E PROCURATORIOS**

**Carlos da Cunha Corrêa e Carlos Alberto Corrêa**

Encarregam-se de todos os serviços perante Repartições publicas estaduais, especialmente o processado de aposentadoria consoante o novo Decreto.

Remettem antecipadamente os vencimentos de constituintes permanentes, de accordo com as normas estabelecidas pelo escriptorio.

**PEÇAM PROSPECTOS**

Rua Santa Catharina, 478 — Bello Horizonte